OS TIGRES DE SAIGÃO

Certamente nunca terão ouvido falar neles. Muitos estão presos. Não têm identidade própria, nem existência legal. São os filhos e filhas de antigos oficiais e soldados do antigo regime Sul-Vietnamita. A maioria não se lembra dos seus pais. Eles nada têm, no entanto, intitulam-se Tigres. Diariamente reúnem provas dos crimes cometidos pelos oficiais corruptos que governam Saigão.

Salvaram-me a vida por várias vezes. Dedico este livro à sua luta por uma Sociedade Aberta, em que a Lei se aplique igualmente a todos.

Tentei narrar os acontecimentos tal qual aconteceram; no entanto, descrevo alguns eventos que não testemunhei pessoalmente. Como tal, este livro é em parte narrativo e em parte ficção. Alguns nomes, datas e locais tiveram de ser alterados, afim de evitar represálias contra aqueles a quem eu devo a minha vida.

Vietnam - Uma breve história.

Após o colapso em 1975 do Vietnam do Sul, e quando as tropas norte-vietnamitas tomaram Saigão, mais de dois milhões de Sul-vietnamitas fugiram. Aqueles que fugiram por mar, foram apelidados de "boat people".
Como o partido Comunista não confiava nos sul-vietnamitas - até mesmo naqueles que apoiaram os Viet Cong - um grande número de oficiais militares e políticos do Norte foram enviados para o Sul para controlar directamente a situação.
Isto criou um enorme ressentimento muito entre os comunistas do Sul, que tinham ajudado os norte-vietnamitas, e agora se encontravam excluidos do poder.
A situação mantém-se ainda hoje. Quase todos os militares oficiais ou políticos influentes são do Norte.
A reunificação entre Norte e Sul foi gerida num clima de repressão em larga escala e criou um clima de medo e ódio entre a população do Sul. Centenas de milhares de pessoas que tinham ligações com o antigo regime, por mais ténuas que fossem, tiveram os seus bens confiscados e foram postas sob prisão sem julgamento, em chamados "campos de reeducação" em condições de escravatura. Mantendo a tradicional política de "extermínio de três gerações" que remonta ao feudalismo, e que consistia no extermínio dos familiares dos que cometeram a ofensa, embora de forma mais humana, não envolvendo eliminação física, a purga afectou as famílias dos que haviam apoiado o Governo. As famílias foram separadas de propósito, sistematicamente privadas de educação, direitos civis, e tratadas com incrível crueldade, numa situação que se mantém-se ainda hoje.
A maior parte não tem "ho khaus" (permissões de residência). Sem isso, a sua presença é tecnicamente ilegal. Não têm acesso a escolas, trabalhos ou licenças de negócio. Sobrevivem como podem, geralmente trabalhando para os militares que lhes impedem qualquer outra actividade. Neste sentido, muitos distritos de Saigão são, na realidade, campos de trabalho forçado. Os habitantes não se podem mudar e trabalham em negócios possuídos pelos militares e membros do partido.
Direitos civis pura e simplesmente não existem. Qualquer forma de protesto significa realojamento e fome nas "áreas restritas" ou prisão e tortura nas prisões do Sul do Vietnam.
O crime de rua que tornou o Vietnam tão famoso até 1973, foi reinventado e é controlado directamente por polícias à paisana. (Nem um único polícia fardado é visto no distrito n.º 1, depois do cair da noite.)
Qualquer turista que tenha a infelicidade ou que não saiba e ande só pelas ruas de Saigão, será logo assaltado, intimidado e voltará para o hotel. Tal como as Autoridades advertem, as ruas de Saigão não têm segurança.

Esta situação eu testemunhei em 1996. Muitas coisas mudaram, desde então. Por um lado, o controle da polícia é menos óbvio. Após a minha "Carta aberta ao Governo Vietnamita", a prostituição tornou-se ilegal e tornou-se actividade obscura. Foi aprovada uma lei de "Prisão Administrativa", que permite à polícia deter os suspeitos por um período de no máximo de 2 anos, (mas podendo o prazo ser renovado indefinidamente), dando cobertura legal ao que já existia na prática. Muitos presos morrem antes de serem libertados.

Como passear – O cyclo

A maneira mais comum e conveniente de viajar nas cidades vietnamitas é de "cyclo", uma reminiscência da colonização francesa, consistindo numa cadeira de braços presa a uma cyclo. Os condutores de cyclo procuram angariar turistas perto dos hotéis, restaurantes, bares ou casas de massagem. Ocasionalmente são elementos da polícia à paisana. Juntamente com o simpático pessoal de hotel, recolhem informação de qualquer turista que lhe pareça suspeito. E quase tudo é suspeito no Vietnam do Sul.

(extracto de "Vietnam - O guia do turista")

Aviso do Departamento de Estado dos E.U.A. (1995)

Um número cada vez maior de americanos visita o Vietnam. A maioria não tem problemas. No entanto, as autoridades locais detêm americanos e outros estrangeiros sem ter queixas ou por actividades que não são consideradas criminosas nos Estados Unidos. Alguns dos presos ficam sem poder comunicar com ninguém durante meses. Os visitantes podem reduzir o risco de serem presos evitando envolver-se em política ou outras actividades que não sejam conhecidas, e evitando levar papéis de conteúdo político ou desconhecido. A polícia pode colocar um cidadão Americano ou outro turista sob vigilância apenas por serem estrangeiros. Quem se descuide e não tenha a documentação toda em ordem, ou que se envolva em actividades consideradas suspeitas pode ser preso, bem como os seus guias ou amigos vietnamitas. As Autoridades nem sempre informam o governo Americano das prisões, nem se pode por vezes obter acesso aos cidadãos americanos presos.

I

Hua Guo Feng acreditava em bons presságios. No dia 11 de Janeiro, 1º dia do ano do Búfalo, dia do seu aniversário, chegou cedo ao escritório.
Noan, a sua tia que lia as estrelas, previra que 1997 seria um ano próspero para ele. Aquele dia iria ser o mais feliz da sua vida. O carteiro entregou-lhe uma carta do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a anunciar que o seu pedido de obtenção de nacionalidade portuguesa tinha sido aceite. Isto eram óptimas notícias, uma garantia sobre o que a transição para o regime comunista poderia trazer. Além do mais, era também um símbolo de *status*. Ele, Hua Guo Feng, cidadão de Portugal!
A sua filha estudaria em Paris, e decidiria livremente o seu próprio futuro! Ele só esperava que ela voltasse para uma reunida, porém próspera Macau, e que se casasse com Chen, um seu associado no negócio da família. Mas, - nunca se sabe o que os comunistas irão fazer - este passaporte garantia liberdade à sua família! Era uma bênção preciosa cujo significado, só alguém como Hua, nascido e criado na China comunista é que podia apreciar a o seu justo valor.
Hua foi distraído dos seus pensamentos pelo zumbido do fax.
Olhou para a máquina, enquanto esta lentamente imprimia:
Mensagem para: Macau Trade
De: Casa dos Sapatos - Requisição mensal para 12 000 sapatos, modelo n.º 26, confirmada. Tamanhos, preços e datas de entrega conforme especificado e acordado por carta. Crédito disponível em conta aberta hoje no banco de Macau.
Melhores cumprimentos, Casa dos Sapatos.
Esta era a sua primeira encomenda para exportação. O seu primo distante Tseng vivia em Saigão, e havia confirmado os seus baixíssimos preços de produção, além de garantir uma óptima qualidade.
Hua tinha-lhe feito uma visita em Outubro, recolhido amostras e tratado de tudo. Por um lado, lamentava não negociar do outro lado da fronteira, com a China, mas Hua não queria que o seu destino dependesse dos acontecimentos pós-reunificação - Nunca se sabe o que os comunistas poderão fazer...

Além do mais, os preços de Tseng eram imbatíveis, mesmo na própria China. Provavelmente os mais baratos de todo o Mundo, pensou Hua.
Com este pensamento, recostou-se na cadeira. Ao olhar pela janela, tudo o que viu foram sapatos, encomendas, e lucros.
Não haviam quaisquer nuvens a ensombrar o céu.

II

Toan era o líder incontestado do gang. Ele já não participava nos assaltos. Observava à distância, e frequentemente indicava aos companheiros este ou aquele cyclo em particular. Quando havia problemas, ele intervinha de imediato, insultando e dando pontapés àqueles do seu gang que se tinham metido em sarilhos. Ocasionalmente, recuperava os artigos roubados, restituindo-os a quem de direito.
As ordens eram precisas: Não usar violência contra os turistas, e entregar todos os valores, cartões de crédito, passaportes e documentos Nguyen, o seu supervisor.
Na pior das hipóteses, Toan acompanharia o turista molestado juntamente com o ladrão capturado à esquadra da polícia. A sua missão era assegurar que as coisas não chegassem a esse ponto. Raramente chegavam.
Mesmo assim, por vezes, Toan sentia-se mal revoltado. A percentagem de 10% de lucro para o gang parecia-lhe parecia-lhe tão insignificante... Sentia uma raiva surda, interna, pela facção do Norte que governava a cidade, que o tinha separado da família, e assassinado o seu tio.
O ressentimento de Toan era partilhado por todos os membros do gang. Eles ressentiam-se das detenções fictícias, dos espancamentos que se lhes seguiam, da humilhação constante.
Toan sentia que faltava algo na sua vida. Não havia Orgulho. Não podia haver Orgulho. Mesmo assim, ele sentia que tinha nascido para ser livre. Nascera com o direito de ter Orgulho.
Seria possível Doi Moi (a “Nova Política”) trazer-lhe o orgulho que acompanha a Liberdade?
Os seus pensamentos foram interrompidos por Nguyen.
- Quem é aquele estrangeiro?

Toan olhou na direcção que Nguyen indicou. Do outro lado da esquina, sentado entre Jane e Shu, estava um estrangeiro bem parecido, vestido com um fato branco, de corte feito à sua medida, de óculos escuros.
Estavam todos a beber cerveja e a fumar, rindo. Juan também estava com eles, ocupado a dizer aos miúdos do gang que deixassem aquele estrangeiro em paz:
- Ele não tem dinheiro! Deixem-no estar! Está comigo - Meu amigo!

- Eles que saiam já daqui! Eu quero saber quem ele é, onde está hospedado, e quero-o daqui para fora, e já!, disse Nguyen.
Toan foi andando, até chegar perto de Juan:
- Leva o teu amigo daqui! Nguyen quer que ele vá embora.
- Vai-te lixar, respondeu Jane: Ele está connosco! Não está a fazer nada! Só estamos à espera da Mai Li, e depois levamo-lo a casa.
- Nguyen disse que o queria fora daqui agora! Levem-no a qualquer lado e depois voltem.
- Tu metes-me nojo!, disse Jane. E, dando a mão ao estrangeiro, levou-o. Subiram na motocicleta dela, aceleraram e foram-se embora.
Já passava das 6 horas da manhã, e Nguyen fez sinal que eram horas de acertar contas e ir para casa.
As raparigas já começavam a chegar com os seus cycloboys. Elas também tinham contas a acertar.
Jane e o seu estrangeiro continuavam a acelerar, estrada acima, estrada abaixo, nos arredores, seguidos de outras quatro ou cinco motas.
Tinha sido uma noite lucrativa, os 10% do grupo eram 28 dólares e uma nota de 10 libras de Singapura.
Como sempre, Toan ficou no centro até de madrugada, a jogar às cartas e a comentar os acontecimentos do dia com os outros, mas o seu trabalho ainda não tinha acabado: Ele tinha que dar mais informações a Nguyen sobre aquele estrangeiro.
Mai Li esperava Jane, a jogar às cartas com mais duas raparigas. Toan juntou-se a elas. Quando Jane chegou, com o seu estrangeiro e os cyclo-boys que os acompanhavam, juntaram-se ao jogo.
- Nguyen quer saber tudo sobre ele, disse Toan apontando para o estrangeiro de fato branco.

- Pergunta-lhe tu mesmo, respondeu Jane - Ou já te esqueceste do teu Inglês?
Toan sentiu que a hostilidade da atitude dela era injusta.
O que é que ele, Toan, podia fazer, senão dar a Nguyen a informação que ele pretendia? Jane estava a tratá-lo como uma espécie de colaboracionista, como se o seu próprio acesso à cidade não dependesse também de ter de se rebaixar aos do Norte.
Virou-se para o estrangeiro e disse:
- Chamo-me Toan. E tu?
Até aquele momento, todos falavam ao mesmo tempo, uns mais alto que outros, várias conversas cruzadas. Então, repentinamente, fez-se um silêncio que deixou Toan pouco à vontade.
- Olá, sou o Mig.

- Onde é que estás hospedado?
Mig apontou para o alto de uma árvore: Sou um tigre. Os tigres dormem nas árvores ,disse.
- Ele não tem dinheiro, mas não vai dormir nas árvores. Ele vai para casa comigo, disse Juan.
- Talvez não vá contigo, respondeu Jane. Ele pode vir comigo. De borla.

III

Ele acordou e olhou para Jane, ainda adormecida, a seu lado. Sentiu vontade de agarrá-la e uma urgência de possuí-la uma vez mais, mas pensou melhor.
Silenciosamente, escorregou para fora da cama. Eles tinham dormido no quarto dos pais dela, que ela havia acordado sem cerimónias, quando eles chegaram a casa, de madrugada.
Vestiu-se, dirigiu-se à porta, abriu-a, e entrou na sala, cujo chão consistia num trapo grande que cobria o solo a jeito de tapete.
A mãe de Jane estava sentada a um canto, a costurar. Ele inclinou ligeiramente a cabeça levando as mãos ao peito, cumprimentando-a à maneira asiática. Ela sorriu-lhe, levantou-se, e foi-lhe buscar uma tigela de sopa quente.
Duas miúdas, uma de uns 9, outra de uns 4 anos, fixavam-no, do outro lado da sala. Ele sorriu-lhes, e subitamente a mais velha desapareceu porta fora. Ele continuou a comer a sua sopa.
Pouco depois, rostos de outras raparigas apareceram à entrada, a seguir risinhos, depois mais caras, até que uma mulher mais velha entrou, dizendo algo à mãe de Jane, e as duas falaram por um bocado.
Entretanto, ele terminou a sua sopa, pensando onde estaria. Em casa de Jane, é claro, mas onde é que isso seria?
Levantou-se, e foi lá fora. Estava calor. Isto era o Vietnam, um sem fim de casebres aparentemente indistintos, ruas e ruelas cheias de população.
A casa de Jane era mesmo no fim de um beco. Ele aventurou-se a sair, divertido com os olhares espantados e curiosos que lhe iam deitando.
Obviamente era bastante invulgar um estrangeiro ser visto nestes lugares.

Ele subiu o beco, e virou à esquerda. Várias mulheres vendiam diversas coisas, muitas tentavam chamar-lhe a atenção, mostrando os seus artigos, numa tentativa de lhos venderem.
- “Ling-a-Lai”, respondia, querendo dizer “não tenho dinheiro”, e imitava o gesto que tinha visto Juan fazer: Um braço esticado esfregava dois dedos, no sinal universal de dinheiro; depois, o braço esticado tremia e recolhia-se, como se estivesse a tentar sacudir algo da manga.

As mulheres obviamente não acreditavam, porque continuavam a propor-lhe todo o tipo de coisas, forçando-o a repetir o seu “Ling-a-Lai”, e a tornar a sacudir o braço.

Ele ainda andou uns metros rua abaixo, à procura de sinais que o ajudassem a voltar. Pensou que, se virasse sempre à esquerda, não teria problemas em retornar. Mas as coisas afinal não eram assim tão simples, visto que os seus passos levavam-no constantemente a pequenos becos sem saída, muito parecidas com o beco de Jane. Então ele voltou atrás, a casa dela, e pegou na mão da criança de 4 anos. Ele podia ter confiança nela para guiá-lo no regresso.

E assim, conduzido pela mão de uma criança, o estrangeiro saiu para dar um passeio.

Nenhum deles se apercebeu na altura, mas este passeio iria ter consequências trágicas.

Assim que chegaram a casa, o estrangeiro reparou na tensão que pairava no ar. Os vizinhos já não sorriam.

Entraram. Dois homens de meia idade estavam sentados no chão, a beber chá. Havia um silêncio gélido, e a mãe de Jane chamou-a. Ela, ao entrar na sala, vindo por detrás dos dois homens, lançou-lhe um olhar cheio de ódio. Então, sorrindo, sentou-se diante de ambos os homens e convidou-o a fazer o mesmo. Serviu-lhe chá.

- Os meus amigos vieram visitar-te, e gostariam de saber se há algo que eles possam fazer por ti, disse ela.

- Ti gabarit parusski?”, perguntou o estrangeiro.

Os homens ficaram intrigados ao ouvir o estrangeiro a falar russo.

- Da”, disse o mais velho dos dois - Ya gabariu parusski.

Com estas palavras Jane foi milagrosamente dispensada do seu incómodo papel de intérprete. Mais uma vez ela admirou o estrangeiro: tinha a certeza que, propositadamente, ele tinha mostrado aos homens que os reconhecera por aquilo que eram: Oficiais comunistas, treinados por russos. Ao fazer aquilo, ele tinha-os apanhado de surpresa, e tinha-a livrado de uma situação incómoda.

Porque razão o estrangeiro falava russo, no entanto, era um enigma; tanto para ela, como para os seus visitantes.

Poderia o estrangeiro ser, ele próprio, um membro do partido comunista no seu país? Jane tinha a certeza de que ele não o era, mas as suas visitas não pareciam estar tão certas disso.

Ela levantou-se, e deixou a sala. Os três falaram por um bocado. Pouco depois, os dois homens saíram.

Jane entrou na sala, visivelmente irritada:

- Eu disse-te que podias cá dormir, mas não te disse para saíres. Agora eu e a minha família podemos vir a ter grandes problemas. Porque é que fizeste isso?

- Peço desculpa. Mas quem *eram* estes homens? Polícia?

- Quase a mesma coisa, respondeu Jane: pertencem ao núcleo local do Partido Comunista desta zona.

IV

Do corredor, Toan podia ouvir os gritos de Ho.
Nguyen abriu a porta, e fez-lhe sinal para entrar. A divisão era grande, e Ho estava sentado atrás da secretária. À sua esquerda, de pé, estavam dois agentes especiais das forças de elite.
- Ouvi dizer que há um macaco estrangeiro na cidade. O que é que vocês sabem dos movimentos dele?
- Não sei lá muito, respondeu Toan. Ele parece ter muitos amigos lá no meu distrito n.º 5. Tem estado por lá a oferecer emprego a quem desejar trabalhar para ele, mesmo sem "Ho Khau". Diz que pode arranjar-lhes pedidos para inúmeros artigos através da Internet. Também tem dito que devíamos proteger os turistas dos ladrões, em vez de seguir ordens para roubá-los, que os turistas pagariam mais pela protecção do que a polícia paga aos ladrões. Diz que pode voltar a reunir famílias através da Internet, e acha que o Sul ganhou a guerra ideológica e económica, e que em breve o Governo terá de aceitar essa vitória.
- Aonde é que ele dorme?, perguntou Ho.
Nguyen interrompeu:
- Ele estava hospedado no Liz Salon, até se lhe acabar o dinheiro. Deixou a conta por pagar e o passaporte como garantia. Desde então tem estado em vários hotéis baratos, daqueles que as raparigas usam para dormir com os clientes vietnamitas. Sempre ilegalmente, sem quaisquer papéis ou identificação. Tem deixado anéis de ouro como garantia, emprestados pelos amigos, e ninguém sabe como é que ele paga às raparigas!
- Eu acho que ele não lhes paga. Elas parecem gostar dele, disse Toan.

- Basta!, disse Ho, irritado. Virou-se para os agentes:
- Camarada Kim, trate-me deste assunto. Quero este caso encerrado amanhã.
- Sim, Camarada Ho!

V

Toan não conseguia dormir. Sentia-se enojado e furioso.
Em toda a sua vida, tinha feito sempre os trabalhinhos sujos de outros, roubando, organizando os roubos. Mas agora era diferente: Ele teria de assassinar alguém.
Polícias à paisana encarregar-se-iam de provocar uma briga com o estrangeiro. No meio da confusão, Ele e Juan teriam de o esfaquear.
Sempre o mesmo cinismo dos do Norte; sempre a perversa atenção ao detalhe, assegurando que seja inflingida toda a dor e a humilhação possível.
Porque não o faziam eles? Porquê ele, Toan, e porquê Juan?
Juan tinha-se tornado amigo íntimo do estrangeiro. Mesmo ciente do risco que corria, abrigou-o, alimentou-o, emprestou-lhe a roupa, inclusivamente deu-lhe o seu anel de ouro, o único valor que possuía, para que o estrangeiro o usasse como garantia de pagamento a um hotel.
Como iria Toan transmitir-lhe a sua missão? E o que é que ia dizer às raparigas? O estrangeiro tinha-lhes prometido liberdade, e emprego. Tinha prometido a Wu que tentaria encontrar informações sobre os seus familiares, fazendo buscas na Internet.
Imediatamente, todas as outras raparigas pediram-lhe que fizesse o mesmo por elas. E ele disse que o faria: “Vocês escrevem os vossos nomes numa página da Net. Se estiverem à vossa procura, encontram-vos.”

E, quer estivesse certo, quer se enganasse, todos acreditaram nele. Toan também.
O estrangeiro desafiava sozinho todo o sistema que os oprimia. Desarmado, sem dinheiro, usando as roupas rasgadas de Juan, ele estava em todo o lado, pronto a tudo. Era evidente que não iria sobreviver mais tempo.

Toan lembrou-se da noite em que se conheceram. Um indivíduo qualquer do Norte, obviamente enviado por Nguyen, aproximou-se dele, oferecendo ao estrangeiro alguns cigarros de haxixe. O estrangeiro pressentiu o perigo. Provavelmente leu a mensagem nos olhos de Karen. Recusou. Depois de trocar mais algumas palavras, o homem do Norte ofereceu-se para emprestar dinheiro ao estrangeiro.
- Eu não preciso de dinheiro. - disse ele - É bom não ter dinheiro. Sem dinheiro vêem-se melhor as coisas. Quando se tem dinheiro, todos parecem ser amigos. Quando estás sem dinheiro, sabes quem são os teus verdadeiros amigos.
O estrangeiro lançou um olhar de desafio ao homem do Norte, e por momentos, toda a farsa parou. Estudaram-se por um breve momento, olhando um para o outro como inimigos. Depois, continuaram com a farsa:
- Julgo que devia ser mais cauteloso quanto aos amigos que escolhe; você não está em casa. Há muito crime por aqui. Você devia ter mais cuidado.
- Eu tenho, não se preocupe. - replicou o estrangeiro. E, continuando a conversa com Sharon:
- Sabes, este mundo está cheio de tigres, e de leões, e de hienas.
Os tigres são solitários, vagueiam pela selva. Habitualmente, eles evitam confrontarem-se uns aos outros. As hienas andam em matilhas, e todas obedecem a um líder, e mais, toda e cada uma dessas hienas tem a sua hierarquia na matilha.
Os Tigres e hienas odeiam-se reciprocamente. Isso deve-se às hienas atacaram frequentemente uma tigre fêmea para matarem e comerem as suas crias. Por isso, os tigres aprenderam a ajudarem-se uns aos outros contra as hienas...

O homem do Norte, olhou para o estrangeiro, conteve-se e foi-se embora, para avisar Nguyen.

VI

Toan acordou sobressaltado, saltou da enxerga a que chamava de cama, e foi lá para fora.
O sol intenso atingiu-o. Estava já alto, devia ser cerca do meio dia. Toan correu na direcção da rua principal.
Um silêncio invulgar abateu-se sobre ele. As pessoas estavam paradas, não se mexiam, não havia nenhum barulho, nem o habitual ruído de cantilenas e pregões tão característicos de Saigão.
O silêncio fez Toan abrandar o passo:
- O que é que se passa?, perguntou a uma vizinha que estava parada sem olhar para nenhum ponto em particular.
- Estamos à espera, respondeu a estátua.
Toan continuou a descer a rua principal, e o silêncio acompanhava-o. Virou à esquerda e desceu a rua do beco que dava para a rua da casa de Jane. Ele não tinha bem a certeza do que o levava ali. Uma sensação de irrealidade pairava no ar.
Enquanto descia, Toan deu de caras com um muro novo, de tijolos. O muro atravessava os telhados das casas em ambas as direcções.
- As autoridades decidiram construí-lo!
Toan reconheceu a voz de Kim atrás dele e virou-se.
- Porque é que vais por esse lado? Devias estar a ir buscar o Juan. Nguyen quer-vos aos dois na ponte Ho Fung às 5 horas!
Toan retrocedeu no seu caminho, e quando estava a chegar à rua principal, uma das estátuas criou vida, e lembrou-o das fotografias da sua avó que tinha deixado Saigão de barco, quando os norte-vietnamitas invadiram.
-Toan", chamou-o ela, por onde andaste? O teu pai procurou-te em todo o lado! Despacha-te, para Port Sung, vamos todos fugir no barco do tio Hyu.
Quando chegou ao porto notou o mesmo silêncio desconfortável. Também ali, tudo parecia parado. Foi então que viu o estrangeiro atarefado a transportar malas para um junco.
- O meu Pai, gritou Toan. Viste o meu Pai?
O teu Pai partiu há 20 anos. Agora é a minha vez. Os do Norte estão a planear matar-me.
- Como é que tu sabes?, perguntou Toan.
- Os tigres pressentem o perigo- retrucou o estrangeiro.
Toan acordou, suando profusamente.

VII

Juan chegou a casa de Jane por volta do meio-dia. Ambos subiram no cyclo dele.
O sol estava intenso e Juan pedalava, deixando-o para trás, em direcção ao centro.
Depois de uns quilómetros, o estrangeiro disse:
- Deves estar cansado. Deixa-me pedalar
- És louco! Os turistas não conduzem cyclos.
- Achas que eu sou um turista como os outros? Eu vivo aqui, respondeu o estrangeiro.
- Deixa-o, pediu Jane- quero ver as caras deles quando lá chegarmos.
-Tu és doido!, mas não há problema", respondeu Juan. Parou o cyclo e trocou com o estrangeiro. Esta mudança de lugares causou grande espanto a todos os transeuntes na estrada. Quando o estrangeiro começou a pedalar, Jane e Juan não conseguiram mais conter o riso.
- O que é tão engraçado?, perguntou o estrangeiro. Não tem piada nenhuma. Vocês são bastante pesados, ouviram?
Jane e Juan continuaram a rir. O estrangeiro sentia a dor nas suas pernas, os músculos a distenderem com o esforço, mas estava mais divertido do que propriamente cansado. Continuou a pedalar até ao centro.
Jane despediu-se deles. O seu "próprio" cyclo-boy esperava-a.
Nenhum deles reparou em Toan, flanqueado por Nguyen e Kim a observá-los do outro lado da praça.
- É ele!, disse Nguyen.
- Sim, vem com o Juan, confirmou Toan.
- Prossigam como planeado, disse Kim.
O estrangeiro seria seguido o dia todo. Toan asseguraria que quem estivesse com ele repetiria todas as suas palavras e identificaria qualquer pessoa com quem ele contactasse.
Teriam de certificar-se que ninguém lhe emprestaria nada nem lhe faria nenhum favor. Isto também se aplicava às raparigas.
Os homens de Kim segui-lo-iam discretamente, e também a todos os estrangeiros que ele encontrasse.

Era essencial verificar se ele tinha contactos com companhias estrangeiras, se esperava a chegada de alguém, quais os seus planos, de onde vinha a transferência bancária que ele esperava, quais os seu propósitos, e para que queria utilizar esse dinheiro. No dia seguinte iria sofrer um acidente.
Toan aproximou-se de Juan e do estrangeiro. Apesar de manter-se calmo e tentar parecer amistoso, Juan imediatamente sentiu que ele estava preocupado. Após uma breve troca de palavras com o estrangeiro, Toan disse a Juan para os deixar imediatamente e deixá-lo falar com o estrangeiro a sós.
Juan disse ao estrangeiro que tinha uns negócios a tratar, e o estrangeiro ficou sozinho.
Juan afastou-se e Toan também. Não tinha nada a dizer.

VIII

O estrangeiro subiu a avenida que levava ao Liz Salon. Ele tinha ficado ali até acabar-se o dinheiro. Embora convidado a sair, continuava a ser amigo de todos, e em particular das raparigas.
Assim que entrou, encontrou o proprietário.
- Peço desculpa, disse, mas estamos fechados por hoje. Eu acabei de vender o local a um novo proprietário.
- Posso mudar de roupa?, perguntou o estrangeiro.
- Tem de perguntar ao novo proprietário. Por favor, aguarde um minuto. Ergueu a voz e chamou o proprietário. Um homem de pele escura com um penso na vista apareceu. Trocaram algumas palavras em vietnamita, e o novo dono saiu.
- O novo proprietário não fala inglês, disse o antigo dono. Ele diz que está muito zangado consigo por causa da sua dívida aqui. Ele não compreende porque é que você é turista e vem para cá se não tem dinheiro. Por favor, não volte cá novamente, até pagar-nos.
-Explicou-lhe o problema que tive com a transferência bancária?
- Sim, eu expliquei-lhe, mas acho que ele não acredita em si.
- Tudo bem, diga-lhe que pagarei assim que os bancos reabrirem depois dos feriados do Tet. (Novo Ano Chinês).
- Eu digo, não se preocupe.
O estrangeiro saiu do Liz Salon e dirigiu-se a uma Mummysan. (Bar de Meninas). Encontrou a dona na rua.
- Desculpe, mas não tenho licenças. As minhas meninas não têm "Ho Khau", a polícia fechou-nos, disse ela com lágrimas nos olhos.
O estrangeiro retrocedeu e foi ao restaurante perto do Hotel. Estava aberto. O gerente, um homem muito alto, deu-lhe as boas vindas.
- Posso comer qualquer coisa?
- Peço desculpa, replicou. Os donos deram-me ordem para não lhe servir nada até acertar as suas contas.
- Mas eu deixei-lhe um anel de ouro como garantia só há dois dias!
- Desculpe, mas os proprietários não consideram que essa seja uma forma correcta de pagar.
- Obrigado, de qualquer maneira, replicou o estrangeiro antes de sair.

As coisas estavam a tornar-se claras. No Vietnam, toda a propriedade pertence ao Estado. Os "proprietários" têm propriedades "emprestadas" pelo Estado.

O estrangeiro sentiu uma mão invisível a brincar com ele, como que fechando todas as portas numa demonstração impressionante de controle económico e social.
Pensou que nunca mais tinha visto os seus “cyclo-boys”.
Também eles tinham partido, substituídos por outros muito diferentes, condutores mais velhos e antipáticos, que não pareciam interessados em tê-lo como cliente. Não havia nenhuma das habituais propostas que todos os cyclo-boys fazem entusiasticamente aos turistas.
Não. Estes eram polícias à paisana. Os verdadeiros cyclo-boys não estavam por perto.
O estrangeiro sentou-se num banco, pensativo. Olhou em volta, e via todos os pretensos cyclo-boys a olharem para ele. Talvez fosse só a sua imaginação; talvez fosse apenas coincidência, pensou. A única maneira de sabê-lo, era andar.
Voltou para o centro: apercebeu-se de que estava a ser seguido. Agora tinha a certeza. Enquanto andava, ouviu uma voz dizer:
- Amanhã vais sofrer um acidente da Máfia.
Voltou-se. Um grupo de homens falavam entre si. As ruas estavam apinhadas. Ele não conseguia saber quem teria falado.
Amigo ou Inimigo? Aviso ou ameaça?
Não havia maneira de saber.
“Eles estão a jogar um jogo”, pensou. “Vamos jogar também. Ir directamente à esquadra. Esperar que outros turistas também entrem. Explicar a minha situação à polícia. Ingenuamente perguntar o que fazer, o que é que eles aconselham. Ver o que acontece. Conseguir sair enquanto outros turistas ainda lá estiverem. Se for impossível, pedir que dêem a conhecer a minha situação ao Consulado Francês em Hanoi o mais cedo possível, assim que os feriados de Tet acabem”.
O estrangeiro sentou-se num banco fora da esquadra da polícia. Em breve, 2 turistas franceses entraram para dar queixa do roubo dos seus documentos. Minutos depois, ele entrou.
O único polícia que falava Inglês estava a tirar apontamentos da queixa dos turistas franceses e fez-lhe sinal para esperar.

Esperou uns minutos, mas não tinha previsto que só houvesse um polícia a falar inglês. Apercebeu-se que os turistas franceses iriam embora e que ia ficar para trás, sozinho.
“Mesmo na boca do Lobo”, pensou.

Pediu uma caneta e escreveu uma mensagem. Antes que o par francês saísse, pediu-lhes para a enviarem para o consulado deles. Explicou ao polícia que esperava uma transferência bancária, que estava atrasada devido aos feriados do fim de ano, e que tinha deixado o passaporte como garantia num hotel, por isso não podia registar-se noutro. Aparentando a maior ingenuidade possível, pediu o seu conselho.
- Não me parece que possamos dar-lhe grande ajuda nesta situação. No entanto, conheço um homem que poderá ajudá-lo, disse o polícia. Venha, eu apresento-vos. Ele estava lá fora há um minuto, vamos ver se ele ainda lá está.
O estrangeiro saiu à rua com o polícia.

IX

A infância de Kim tinha sido a de uma criança num país em guerra.
Cresceu com medo e raiva, provocados por bombas e napalm cobardemente atirados dos céus.
Aos 12 anos, fez-se voluntário para o combate. Pouco depois o pai morreu a menos de 50 metros dele, queimado vivo pelo napalm.
Dois anos mais tarde, Kim entrou em Saigão, que tinha sido cobardemente abandonada por aqueles que a defendiam. Tornou-se um comando de elite.
Entrou logo em acção, a controlar as tribos nómadas das terras centrais, apostadas em resistir ao comando comunista.
Entrou novamente em acção quando o Vietnam invadiu o Camboja e as tropas chinesas invadiram algumas províncias do norte como forma de retaliação.
Foi durante o confronto com os chineses que recebeu a medalha de oficial exemplar.
Pouco depois foi mandado para a cidade de Ho Chi Minh, assim fora baptizada a cidade de Saigão. Durante os próximos quinze anos, preparar-se-ia para a próxima guerra e entraria para os Serviços Secretos Militares.
Treinava ou fazia exercício 12 horas por dia. Tomava doses enormes de esteróides; tornara-se um verdadeiro colosso.

Assim que viu o estrangeiro a entrar na esquadra, não conseguiu reprimir um sorriso de satisfação, que foi substituída pela impaciência à medida que os minutos iam passando.
Finalmente ele saiu na companhia de um polícia:
-“Este é o homem de quem lhe falei,” disse o polícia, apontando para Kim. “Tem sorte que ele ainda cá esteja, ele é muito bem relacionado. Tenho a certeza de que vai ajudá-lo”.
O estrangeiro mediu o homem que supostamente o ia ajudar. Tinha um corpo largo, que juntamente com o seu ar auto-confiante mostrava que devia pertencer a algum tipo de força de elite.
O polícia trocou algumas palavras em vietnamita com Kim.
- Então em que posso ser-lhe útil?, perguntou Kim.

O estrangeiro explicou novamente a sua situação: Esperava uma transferência bancária do Crédit Lyonnais, que estava atrasada, e

que só estaria disponível após os feriados. Como tinha deixado o passaporte como garantia no hotel, não podia dar entrada em outro. O que precisava era que alguém lhe fizesse um empréstimo ou lhe desse alojamento até ao Ano-Novo.
- Eu posso tratar disso, disse Kim - mas primeiro você precisa de comer, deve ter fome.
- Não, nem por isso. Eu prefiro ir a um “Mummysan”. Como qualquer coisa por lá se você puder convença-a a deixar-me pagar depois dos feriados. Eu pago-lhe o dobro assim que os bancos abrirem. O mesmo quanto a alojamento, claro.
Por um lado fazia-se de ingénuo enquanto tentava aguçar a ganância de Kim. Não sabia que Kim era incorruptível.
- Venha, vamos embora, disse Kim.
Subiu na sua mota, com o estrangeiro atrás dele. Conduziu pela cidade, pelas ruelas estreitas da velha Saigão. Parou perto de uma casa. O estrangeiro reconheceu-a. Era a primeira “Mummysan” em que tinha estado, na sua 1ª visita, três meses antes. A porta estava fechada. Kim bateu várias vezes à porta. Ninguém respondeu. Viu um vizinho e falou com ele em vietnamita.
- Estamos sem sorte. Este lugar fechou. Aparentemente não têm as licenças necessárias. Procuramos outro.
Novamente montaram na motocicleta de Kim. O estrangeiro notou que outras duas motocicletas os seguiam.
O segundo Mummysun também estava fechado. Novamente o estrangeiro reconheceu o local, foi o primeiro Mummysun a que tinha ido na sua 2ª visita a Saigão.
- Olhe, disse Kim, eu não conheço mais nenhuma Mummysun. Empresto-lhe 50 dólares até às 9 horas. Então encontramo-nos na esquadra. Até lá, verei o que se pode fazer quanto a alojamento. Onde quer ir agora?
- Leve-me ao centro, pediu o estrangeiro. Vou dar uma volta.
- O.K., concordou Kim.
Este conduziu até ao centro. Agora já havia uma boa meia-dúzia de motocicletas a segui-los. Entre elas, o estrangeiro reconheceu a de Toan. Nem ele nem os outros se preocupavam em não serem vistos.

Kim passou por um polícia de trânsito que lhe fez uma saudação militar.
- Pode deixar-me aqui, disse o estrangeiro.

Kim parou e ambos os homens desceram.
- Vamos dar uma volta, propôs Kim.
- O.K., disse o estrangeiro.
- Sabe, Saigão é uma cidade perigosa, tem muito crime. Até agora tem tido sorte, só travou conhecimento com bons cyclo-boys, mas agora vai conhecer outros muito diferentes.
Vindos do nada, apareceram vários vietnamitas cujas expressões não deixavam dúvidas quanto às suas intenções. Só a expressão de Toan era diferente.
O estrangeiro não lhe viu ódio no rosto. Em vez disso parecia-lhe que via uma espécie de tristeza, quase como se ele lhe pedisse desculpa.
Kim estava parado no passeio, de costas para o trânsito da hora de ponta em Saigão.
- Há uma coisa que tenho que lhe dizer, disse o estrangeiro virando-se para Kim. - Venha, disse, enquanto via o fluxo de trânsito e lhe pousava a mão no ombro.
Pelo canto do olho, viu um autocarro aproximar-se. Subitamente atravessou a estrada, segundos antes do autocarro passar.
Kim correu atrás dele, logo seguido pelos outros, mas era tarde. O autocarro e o enorme tráfego atrasaram-nos umas fracções de segundos. O estrangeiro atravessou a estrada e correu para o hotel Majestic. Com um salto digno do de um tigre, atravessou a porta do hotel. Sentiu uma espécie de triunfo quando o vidro se estilhaçou a seu redor. Aterrou no chão, rebolou e correu pelo Hall enquanto Kim e mais outros dois entravam no átrio em sua perseguição.

X

Quando o vidro da porta principal do hotel Majestic se estilhaçou e um homem voou através dela a gritar "Socorro, estão a tentar matar-me!. Ajudem-me", os seguranças do hotel entraram em acção. Dois deles levaram o estrangeiro para a cave, dois andares abaixo da Sauna.
Os outros seis barraram o caminho dos três que o perseguiam. Embora conhecessem Kim e o seu cargo de oficial da Polícia Militar, a os regulamentos proibiam, sob quaisquer circunstâncias, a qualquer membro da polícia, ou do exercito deter um cidadão estrangeiro num hotel sem um mandato do tribunal. Além do mais, vários turistas tinham testemunhado a cena e o número aumentava, todos a querer saber o que se passava. Tentaram acalmar Kim.
- Tenho ordens do general Than para eliminar este indivíduo. Ele não pode fugir! Levem-me a ele!, disse, com o sangue ainda a ferver com a humilhação de estar a ser sido impedido por uns insignificantes seguranças de hotel - Trato-lhe já da saúde!
- Não se preocupe, Camarada Kim, disse o Chefe da Segurança: A ratazana não sai daqui com vida. Deixe-nos tratar disto. Compreende, temos que fazer as coisas de uma forma discreta, não podemos dar-nos ao luxo de ter um escândalo aqui. Pode informar o general que a ratazana está morta. Por favor, camarada, controle-se, temos procedimentos para com estas situações que têm de ser respeitados. Todas as pessoas envolvidas têm de ser identificadas, incluindo a si... Claro que dada a sua posição pode completar os impressos de identificação você mesmo,...
- Kim ainda estava a remoer a humilhação de meros civis poderem pará-lo. No entanto, percebeu que, dadas as circunstâncias, os seguranças estavam melhor colocados que ele para cumprir a sua missão.
- Se eu puder ficar descansado que a ratazana está como morta, então vamos completar as formalidades do funeral, disse.

Escreveu:
Juan Truong, Nguyen Lee, e... - consultou na sua agenda os contactos do estrangeiro, Pham Truoc. Agora trate disso o mais rapidamente possível e mantenha-me informado de tudo.

- Fique descansado, Camarada Kim. Obrigado pela sua colaboração.
Humilhado e furioso, Kim e os outros saíram do Hotel.

XI

- O.K., disse o chefe dos seguranças - os perseguidores foram identificados e saíram do hotel. Por agora, está a salvo. Acho que precisa de descansar e talvez de comer e beber algo. O que posso arranjar-lhe?
- Eu gostava de usar o telefone, primeiro, e também de alugar um quarto, se possível. Não tenho os meus documentos comigo, podia chamar-me o gerente?
- Não se preocupe com telefonemas por agora. O gerente estará aqui num instante, já vem a caminho. Ele já tentou contactar o consulado americano e o francês, mas como sabe, estão fechados no fim do ano. Agora o que precisa é de descanso. Acalme-se. E há formalidades a tratar nestes casos. Pegou num livro da prateleira, e pediu ao estrangeiro que descrevesse o incidente e que assinasse.
Ele escreveu:
“Fui vítima de tentativa de homicídio, peço protecção Consular, e considero a gerência do hotel responsável pela minha segurança”.
Deram-lhe uma sanduíche e um pacote de sumo de laranja com palhinha. Ele bebeu o sumo, e deu uma dentada na sanduíche. Quando o fez, veio-lhe à memória uma frase de “ Vietnam - Guia do turista”: “...Eles, juntamente com o simpático pessoal de hotel, fornecerão informações em primeira mão à polícia das suas actividades.”
Decidiu não engolir.
- Desculpe, não tenho fome, disse.
Insistiram que comesse. Respondeu:
- Olhem eu não acho que tenha veneno. Só não tenho fome.
Passados minutos, sentiu-se esquisito, a sua boca e língua imobilizavam-se, os músculos do ombros também.
- Envenenaram-me!, disse ele.
- Ouça, fomos contratados para aqui pelos indivíduos que o acabaram de tentar matar. Lembras-se deste homem? Anteontem era ele que transportava a tua namorada. Ninguém te pode salvar agora. Podes gritar, que ninguém te vai ouvir.

O estrangeiro pensou para si: Eles têm razão! Ninguém me vai salvar! Por isso tenho que me salvar a mim mesmo.
Na sala existia uma janela, mas infelizmente o hotel devia ter sido construído sobre uma forte declive porque a janela ficava a uns bons 15 metros do nível do chão. Se ele saltasse por ela partia os ossos todos.
Ao mesmo tempo, cada segundo que passava ele sentia os músculos a paralisar cada vez mais, aquele veneno devia ser muito potente, pensou. Graças a Deus que não o tinha engolido!
Só se podia salvar agora, enquanto ainda se conseguia mexer. À frente estavam os seguranças do hotel, uns 8, indo e vindo constantemente. A porta que dava para a Sauna e para a recepção estava aberta. Ele tinha só que alcansá-la e correr lá para cima, mas como passar pelos seus captores?
Ergueu-se, sob o olhar atento dos seguranças. Os músculos das pernas não pareciam afectados, o veneno parecia ter um efeito mais forte nas áreas em torno da boca, onde devia ter sido absorvido localmente.
De repente saltou para a janela do outro lado da porta, partindo o vidro e magoando-se bastante. Os seus captores de imediato surgiram atrás dele, mas o estrangeiro não tinha saltado **através** da janela, ele tinha saltado **para cima** do rebordo desta. Quando os seguranças se aproximaram dele, saltou-lhes por cima e correu em direcção à porta, subindo as escadas a correr, em direcção à Sauna. Lá havia alguns turistas, e ele voltou a gritar: “Socorro! Fui envenenado! Preciso de um médico! Socorro! Estão a tentar matar-me!”
Uns turistas norte-americanos ajudaram-no, estavam no hotel e chamaram um médico inglês que lhe disse para não comer nada e beber muita agua. Perante a insistência dos americanos, foi-lhe permitido fazer várias chamadas a cobrar na conta dos americanos. Avisou as pessoas no País e no estrangeiro que o poderiam ajudar após o que, com alguma relutância, concordou em voltar à cave, enquanto aguardava pelo proprietário.
Agora sentia-se a salvo – demasiados turistas haviam testemunhado os acontecimentos, a família e amigos estavam avisados do que se passava.
Algum tempo depois o gerente, muito bem vestido veio, assegurou que tudo estava bem, que era preciso que lhe tratassem das feridas, que tinha de ir ao hospital.

Ele ainda pediu para falar com o médico inglês antes de ir ao hospital, mas o médico já tinha saído do Hotel. O estrangeiro explicou a situação ao gerente e a um dos americanos que chamaram o médico na altura, perguntou se podia alugar um quarto quando tivesse alta. O gerente assegurou que sim.

- Mas tem de pagar todo o estrago que fez.

-Certamente - disse ele - assim que os bancos abrirem.

- Muito bem, respondeu o gerente. Chegou um médico vietnamita que trocou algumas palavras com o gerente.

O médico não falava inglês, e o gerente traduziu:

- Você está muito tenso e precisa de uma pequena cirurgia. O Dr. sugere dar-lhe uma injecção para as dores e desinfectar e coser as feridas antes de levá-lo para a ambulância para diagnóstico e desintoxicação.

- O. K., concordou o estrangeiro.

Foi-lhe dada a injecção. As feridas foram cosidas. Os turistas americanos foram jantar.

A realidade começou a abandoná-lo. Estava vagamente consciente da dor, de vozes em vietnamita, da sirene da ambulância, depois adormeceu.

XII

Assim que recuperou os sentidos ouviu vozes e sentiu dores no braço esquerdo. Com algum esforço abriu os olhos, viu agulhas e tubos no seu corpo.
Estava a soro, o seu braço, ligado. O soro pendia frouxamente de um suporte. Uma enfermeira aproximou-se, sorrindo:
- Então como nos sentimos hoje?, perguntou amigavelmente.
- Um bocado cansado, respondeu. Que horas são?
- Cerca das 2 da tarde. E tem visitas. Têm estado à espera desde as 10 da manhã.
Ele elevou-se para se poder sentar e ficou dolorosamente consciente das agulhas presas ao braço.
- Shhh! Shhh! Não se deve mexer assim, disse a enfermeira com gentileza, mas empurrando-o firmemente para trás.
- Vietnamitas?
-Sim, - confirmou a enfermeira – posso deixà-los entrar?
- Primeiro desamarre-me o braço, preciso de ir à casa de banho.
- Não é necessário, disse com risinhos, enquanto baixava os lençóis e descobria os seus genitais, onde uma argália tinha sido colocada - pode fazê-lo aqui, ou refere-se à “coisa sólida”?
Ele pensava:
-Quem seriam as suas visitas? Era mais do que certo a polícia ter seguido a ambulância, mas correria risco enquanto estava em tratamento hospitalar? Se quisessem, os médicos podiam tê-lo morto.
- Posso falar com o médico?
- Claro. A enfermeira divertiu-se da súbita ansiedade do paciente.
Deixou o quarto e em breve um médico entrou.
- Como se sente?
- Bastante bem, respondeu. Onde estou?
- No Hospital Internacional de Ho Chi Minh. Temos os melhores meios e a melhor assistência médica. Sente alguma dor na coluna?
- Não. Suponho que seja bom sinal?
- Sim, muito bom, significa que o veneno não alcançou o sistema nervoso central. Vamos examinar os seus olhos, disse, olhando de perto em contra-luz. O ritmo cardíaco também precisa de ser visto, disse, pegando no estetoscópio.

- Quem são as minhas visitas?
- Não sabia que tinha visitas, só agora é que cheguei! Chamou a enfermeira.
- O nosso paciente tem visitas?
- Sim, 3. Estiveram à espera desde manhã.
- Quem são? Perguntou o estrangeiro.
- Não quiseram deixar os nomes, respondeu ela.
O médico saiu.
- Posso ir à casa de banho?, perguntou á enfermeira
- Claro, se precisa. Vai poder encontrar as visitas no caminho.
Cuidadosamente ela desamarrou o braço. Ele saltou da cama e começou a fazer a sua kata preferida.
- Pratica artes marciais?
- Não propriamente, falta-me de exercício.
Aproximou-se da janela para ver o exterior, notou que estava num 2º andar. Pensou: "Demasiado alto para saltar e sem árvores onde cair". À entrada do hospital estavam dois guardas que pareciam desarmados, um terceiro homem falava com eles. Uma multidão de cyclo-boys esperava por qualquer estrangeiro que saísse. Um estrangeiro dava entrada numa maca.
- Posso telefonar?
- Só lá embaixo na recepção.
- Por favor, mostre-me onde fica a casa de banho.
- Venha, disse ela pegando-lhe na mão.
Ele sentiu a mão dela e apertou-a com firmeza, mas não se mexeu. Examinou-a por instantes, tentando discernir os seus pensamentos. Obviamente sem perceber, corando, ela disse baixinho: - "sabe, eu sou casada". Ele afrouxou o aperto na sua mão.
- Sabe porque estou aqui?
- O seu diagnóstico é intoxicação alimentar, Sr.
- E quanto a estas feridas? Perguntou, mostrando os braços.
- Julgo que se magoou quando estava envenenado. Foi de encontro a um vidro, ou algo do género, não é assim?
- Bem, sim, não exactamente. Então, olhando-a nos olhos disse: Fui envenenado pela Mafia.
Ela retraiu-se, intimidada e nervosa.
- Não sei a que se refere. Isto é um hospital. Tratamos de pessoas, não lidamos com esse tipo de problemas. Isso é para a polícia, disse, a voz ficando mais firme.

Ele não parava de pensar: Tinha escapado de Kim, do pessoal do Hotel Majestic, mas não era suposto ser esfaqueado por Kim. Era suposto Ser vitima de um acidente perpetrado pela Máfia, O autocarro e o trânsito altamente congestionado salvaram-no. O seu instinto salvou-o de um envenenamento "acidental". Mas se a Máfia enviasse 3 pessoas para o esfaquear ou abater, o tal incidente seria perfeitamente credível. Era óbvio que o pessoal hospitalar não fazia parte da conspiração, mas que outras certezas poderia ter? Nessa altura o médico, que entretanto voltara, interviu: Ou vai à casa de banho ou volta para a cama. O seu tratamento é da minha responsabilidade, e você ainda devia estar a soro. Não o quero a andar por aí, muito menos a fazer exercício. Pode ser muito prejudicial para si.
- Desculpe, doutor, preciso da sua ajuda, o meu envenenamento não foi acidental, foi tentativa de homicídio. Temo que as visitas venham acabar o trabalho.
O médico não comentou.
- Pode identificá-los? perguntou o estrangeiro.
- As identidades por aqui, são frequentemente falsas, mas não serão permitidas quaisquer visitas ao seu quarto sem o seu consentimento. Eu vou tratar disso, mas é tudo o que posso fazer.
- Pode mandar uma mensagem a um amigo meu? Se não for possível, pode chamar o médico americano?
- Isso já não, porque temos médicos competentes aqui. Sinto muito, mas não quero envolver-me. Desconheço a sua situação, que também poderia trazer-me problemas. - fez uma pausa, por um instante, e então murmurou: Você não está na Europa, sabe? Mais um breve silêncio: - Calma. Fique calmo. O que tiver de ser, será.
E dizendo isto, o médico saiu do quarto.
- Não se eu o puder impedir!, pensou o estrangeiro.
- Diga às minhas visitas para voltarem às 4 horas. Peça desculpa, mas sinto-me um bocado cansado, disse à enfermeira que pareceu aliviada e saiu do quarto.
Deitou-se para trás, esticando o braço direito, agarrando num jornal, e leu:

XIII

“Vietnam News”

O Comité Central do Partido Comunista do Vietnam debateu ontem os efeitos negativos da influência estrangeira que se deve à abertura do país ao turismo e ao investimento estrangeiro.

Especificamente referiu-se ao aumento de revistas e de publicações estrangeiras contendo material subversivo, frequentemente criticando os princípios básicos do Marxismo-Leninismo, assim como a legitimidade do Governo do Partido Comunista, ao aumento da pornografia, prostituição e abuso de drogas, e também ao dramático aumento da criminalidade em Ho Chi Minh. Discutiu-se também a medida em que estas influências podem ameaçar a preservação da nossa identidade e da nossa cultura.

Após um debate que durou várias horas, uma moção proposta pelo Camarada Pham The foi aprovada pela esmagadora maioria dos presentes. Ela pede a todos os membros do partido e às massas que redobrem a vigilância contra as influências indesejáveis estrangeiras, e que participem todas as ocorrências que pareçam suspeitas às autoridades competentes, e aos núcleos partidários.

Também dá instruções à polícia afim de esta tomar todas as medidas necessárias para combater a subversão, prostituição e o abuso de drogas.

A moção também pretende salvaguardar o carácter e identidade do País ao exigir que todos os reclames em línguas estrangeiras, cartazes, posters, imagens publicitárias e outras do género sejam removidas, e que, de futuro, todas essas formas de publicidade em língua estrangeira, sejam permitidas só e se apenas forem precedidas por um texto em língua vietnamita de formato idêntico, ou maior.

Estas medidas produziram um protesto imediato da parte de homens de negócios estrangeiros.

Um deles, o Sr. Yan Lee, director da companhia das Cervejeiras Associadas, de Singapura, queixou-se: Nós acabámos de gastar dezenas de milhares de dólares a anunciar a nossa marca de cerveja, “TIGRE”, por todo o Vietnam, após meses de negociações para conseguir que as autoridades o permitissem - e agora isto!

O sr. Ian Rose, da “East Asia Consulting” afirmou-nos,
“Se esta é a concepção vietnamita da economia de mercado, teremos de avisar os nossos clientes para evitá-la.” “Espero que as autoridades se

apercebam que se os investidores não tiverem confiança, não há investimento!", comentou o Sr. Fieldricht, consultor financeiro da Dade Brothers, numa reacção típica de outros investidores, alguns dos quais ainda se lembram do decreto do ano anterior que anulou todos os contratos de arrendamento com empresas estrangeiras.

XIV

O estrangeiro pousou o jornal na cabeceira. Silenciosamente procurou chegar à caixa de instrumentos cirúrgicos atrás dele. Removeu um bisturi, segurou-o firmemente, ajustando-o à mão direita, puxando a manga, deforma a não ser visto. Cortou o botão de punho para uma maior mobilidade, de forma a este não atrapalhar qualquer movimento.
- "As facas são melhores que armas de fogo no combate corpo a corpo.", lembrou-se que tinha sido aprendido durante a sua instrução militar.
Em menos de um segundo, o que parecia ser um braço imobilizado, tornar-se-ia numa arma letal.
Às 15h30 pediu à enfermeira para soltar o seu braço esquerdo.
- Onde estão as minhas roupas?
- Eu penso que estejam na lavandaria, respondeu sorrindo. Não se preocupe, vai tê-las de volta assim que receber alta do médico. E vão estar limpinhas, também, disse, alargando o seu sorriso.
- As minhas visitas voltaram?
- Acho que sim, respondeu a enfermeira.
- Se faz favor, desate-me o braço por um instante, pediu.
- Com certeza, - respondeu ela, continuando a retirar-lhe a agulha.
Você precisa de ir à casa de banho, de qualquer forma. Mas precisa de continuar a soro por mais um bocado. Terei de o recolocar em breve.
- Quero ter uma visita agora.
- Mas **só uma, entendeu!?** disse, num tom brusco, algo agressivo.
Viu no olhar dela que ela não gostara da forma como eu me dirigi a ela. Murmurou uma desculpa enquanto ela saia do quarto.
Esperou a uma distância prudente da porta, os músculos tensos.
Ouviu bater. A porta abriu-se, e a visita entrou no quarto.
Apesar de ser desconhecido, o rosto tinha um ar amigável.
- Como vai?, perguntou o visitante. Vim cá para ajudá-lo. Foi Sharon quem me enviou. Sabemos tudo sobre a história. Nenhum dos outros veio por ser demasiado perigoso para eles.

Juan e Pham já foram detidos. Jane está sob interrogatório. Como sabe, é ilegal abrigar um estrangeiro sem notificar a polícia.

- O melhor para si e para todos é que não os volte a ver.
Mesmo a minha visita aqui, pode ser perigosa. Você não me verá mais. Mas, dia e noite, vai ter tigres à espera na entrada principal. Um deles terá uma T-shirt amarela. Eles vão passar por cyclo-boys comuns, até para a polícia, que também estará lá fora como cyclo-boys.
- Lembre-se: o de amarelo Ele terá uma moto mais rápida, com matrículas falsas.
Agora tenho que ir.
- Não sabia que haviam tigres em Saigão.
- Talvez eles estivessem adormecidos. Você acordou-os.
Mesmo assim, eu acho que é melhor para mim ficar hospitalizado até que acabe o Tet, quando re-abrir a embaixada francesa. Por favor, informe-os da situação.
- Já foi mandada uma carta anónima. Tenho mesmo de ir, disse ele, saindo.

XV

Às seis horas, médicos e enfermeiras mudaram de turno. Por volta das seis e meia, uma enfermeira diferente entrou.
“Tenho uma coisa para lhe contar”, disse baixando o olhar. “Mas por favor, não diga nada a ninguém que lhe contei.”
Olhou para ele e continuou em voz baixa, quase como se estivesse a confessar-se: “Um dos médicos pediu-me para o avisar de que o tratamento que está prestes a receber vai transformar-lhe o cérebro num vegetal.” Fez uma pausa. “Para sempre.”
“Porque acha que o médico lhe contou isso?”
“Alguns médicos não aprovam...”
“Sin, c’mon”, respondeu o estrangeiro, agradecendo-lhe em vietnamita. “E quando deverá esse ‘tratamento’ começar?”
“Às oito horas”, respondeu-lhe, novamente baixando o olhar. Voltou-se e saiu do quarto.
O estrangeiro dava voltas ao seu pensamento, a mente fervilhava. Não duvidava da sinceridade do aviso nem da honestidade do visitante anterior, mas parecia-lhe que aquela não era a melhor altura para tentar uma fuga. Com certeza, os polícias à paisana lá fora conheceriam o momento exacto do tratamento, pensou. Se assim fosse, esta seria a pior altura para tentar a fuga. O seu instinto dizia-lhe que não o fizesse. A sua mão cheia de cyclo-boys não eram certamente suficientes para fazer frente a polícias armados. Estes certamente não iriam usar as armas, isso seria demasiado óbvio. Toda a gente sabe que o uso de armas é severamente controlado no Vietname.
Saiu do quarto, ainda com o bisturi escondido na manga e pôs-se a congeminar possibilidades de fuga. O seu olhar fixou-se numa árvore grande que havia no jardim.
Olhou para a enfermeira, observou o edifício e dirigiu-se à casa de banho no andar de baixo.

XVI

Um silêncio opressivo.
Deviam ser umas duas horas, pensou o estrangeiro – mais que tempo para se pôr a mexer.
Silenciosamente, soltou o braço esquerdo do soro venenoso. Tentou mexê-lo, mas o braço não obedecia. Estava completamente inerte. Agarrou no bisturi e cortou o torniquete que improvisara com o cinto do pijama. Também tirou a ligadura que pusera no corte feito imediatamente após a administração da injecção.
Mesmo assim, o torniquete estava tão apertado que a parte superior do braço doía insuportavelmente. Pediu a Deus que o torniquete estivesse bem apertado e assim tivesse impedido o veneno de entrar na corrente sanguínea.
"Provavelmente estou bem", pensou. "Sinto-me bem."
Mas não deixou de ter uma sensação arrepiante à medida que o sangue lhe corria nas veias.
Sentiu gradualmente os músculos a readquirirem o controlo. Exercitou os dedos, flectiu o braço. Ainda se sentia fraco, mas estava a melhorar.
Ainda com a arma escondida na manga, dirigiu-se à janela. Bastante nítida no meio do grupo de rapazes, destacava-se uma t-shirt amarela.
Abriu a porta silenciosamente. O corredor estava vazio. Pé ante pé desceu as escadas para o rés-do-chão. Conseguia ouvir as enfermeiras a conversar algures no primeiro andar. Atravessou o jardim e subiu a uma árvore de onde podia ver a estrada do outro lado do muro. Estava deserta.
Parecia que este era um dos principais acessos ao hospital. Um cycloboy vinha pela estrada acima. "Deve ir para casa", pensou o estrangeiro. Assobiou e o rapaz e travou, olhando intrigado em seu redor.
O estrangeiro arregaçou a manga, colocou o estilete no bolso direito e saltou da árvore para a estrada. Fez sinal ao rapaz atónito que ficasse em silêncio.
Subiu para o cyclo e disse: "Leva-me para uma rua escura. Qualquer rua, desde que seja escura."
"Quanto paga?" perguntou o rapaz desconfiado.
"Vou pagar-te bem. Não te preocupes. Agora vamos!" O estrangeiro tentava pôr-se numa posição que escondesse a sua curiosa indumentária, de modo a não chamar a atenção.
"A que distância quer ir?"
"Não muito longe. Qualquer rua escura serve, mas nunca um beco, percebeste?"
"Não percebo o que significa 'beco'", respondeu o rapaz.
"Quero uma rua sem gente. Esta serve. Vira à esquerda."
O rapaz virou e parou a bicicleta.

“Agora ouve com atenção”, pediu o estrangeiro. “Quero que voltes ao portão principal do hospital. Está lá um amigo meu. É vietnamita e tem uma t-shirt amarela vestida. Quero que lhe digas que estou aqui. Depois voltas e pago-te.”
“Quanto?” perguntou ansioso o rapaz.
“Dez dólares.”
“Sim, senhor. Obrigado, senhor”, respondeu o rapaz.
“Só falas com ele, percebes?”
“Sim, sim”, assegurou o rapaz.
O estrangeiro afastou-se uns metros do local onde tinha sido deixado e escondeu-se atrás de um pequeno portão.
Uns minutos depois, um rapaz de t-shirt amarela apareceu numa moto. O estrangeiro assobiou e saiu do esconderijo.
“Tire a parte de cima do pijama e vista isto”, disse o motociclista, despindo a t-shirt.
“Para onde me leva?” perguntou o estrangeiro.
“Para as montanhas. Há lá boa gente. E menos polícias”, disse rindo-se. “Vai gostar de lá estar.”
E foi assim, vestido numa t-shirt amarela emprestada e à boleia numa moto com matrículas falsas conduzida por um estranho que o estrangeiro iniciou a sua fuga de Saigão.

XVII

Andaram cerca de três horas. O estrangeiro estava impressionado com a população aglomerada tão miseravelmente, casa sobre casa durante mais de 30 quilómetros. Era como se Saigão fosse uma cidade interminável embora com ruas vazias, à excepção de um ou outro grupo de jovens vietnamitas que se viam ocasionalmente ou grupos de estranhos ciclistas e cycloboys de regresso a casa.
Ao longo do caminho, as casas tornavam-se menos frequentes e os campos de arroz só apareciam de vez em quando. Mas depois as casas desapareceram quase por completo e os arrozais predominavam na paisagem.
Não trocaram uma palavra durante toda a viagem. O estrangeiro estava exausto. Apesar disso, sentia-se seguro mas temia adormecer. O condutor virou à esquerda e seguiu por uma estrada muito estreita que terminava à entrada de uma casa.
“É a casa dos meus pais”, disse.
Parou a moto, desceram e o rapaz abriu silenciosamente a pequena porta de madeira que se encontrava destrancada. Estava escuro porque a casa não tinha electricidade. O vietnamita pegou num isqueiro e acendeu um lampião a óleo que depois pendurou no tecto. Mal o fez, todo o cenário se tornou nítido: um quarto pequeno, uma mulher a dormir numa enxerga no chão e várias peças usadas de bicicleta – quadros, rodas, peças sobresselentes.
“O meu pai arranja bicicletas”, explicou o rapaz. “E já agora, chamo-me Luyen.”
A mulher sussurrou qualquer coisa em vietnamita. Levantou-se num ápice e olhou fixamente para o estrangeiro durante alguns minutos. Parecia estupefacta. Luyen e a mulher começaram a falar. A mulher tornou a olhar para o estrangeiro, sorriu e inclinou ligeiramente a cabeça, como se acabasse de tomar conhecimento da sua presença. Levantou-se e foi buscar comida e sake.
Os três sentaram-se no chão em torno da comida. Luyen e o estrangeiro comeram avidamente. Era a primeira vez que o estrangeiro comia sem medo de ser envenenado, desde o incidente no Hotel Majestic. A comida e bebida eram deliciosas. Tinham um sabor que nunca provara antes: o sabor da segurança.
Foi então que o estrangeiro viu uma rede suspensa por dois ganchos presos no tecto, pendurada a um canto da casa. Alguém dormia aí.
“A minha irmã”, disse Luyen. “Queres-la?”
Sem esperar pela resposta, o Luyen levantou-se, deu-lhe uma palmada no rabo e disse: “Acorda, Shi. Temos uma visita.”
A rapariga, ensonada, resmungou qualquer coisa.
“Um estrangeiro”, acrescentou Luyen. “Um estrangeiro fugitivo.”
Shi saltou da rede com uma agilidade surpreendente. Ficou boquiaberta em frente ao estrangeiro que estava sentado e igualmente incrédulo. Mas não se conteve e desatou a rir à gargalhada. Era um riso compulsivo, incontrolável.
“É a primeira vez que a minha irmã vê um estrangeiro”, explicou Luyen. “A maior parte das pessoas daqui não tem autorização para ir ao centro de Saigão.”

Shi ficou a rir durante uns cinco minutos seguidos antes de finalmente parar. Mas o por pouco tempo, uma vez que o riso voltou logo depois.
“O que é que se passa aqui?” perguntou uma voz masculina, interrompendo o riso de Shi. O pai, acordado por toda aquela risota, entrara no quarto. Ainda não tinha acabado a pergunta quando reparou na presença do estrangeiro.
“O Luyen trouxe-nos um estrangeiro!” exclamou Shi, radiante.
“Parabéns, Luyen”, disse o pai. “Quer passar a noite aqui? Disseste-lhe que podemos alugar-lhe um quarto?”
“Pai, ele não tem dinheiro.”
“O quê?”
“E para mais anda a fugir da Polícia. Tentaram matá-lo!”
O pai acenou com a cabeça em sinal de desaprovação. “A Polícia pode roubar turistas mas não os pode matar. Este rapaz é um criminoso?” Após uma breve pausa, continuou: “O melhor é entregarmo-lo já. Deve ser um problema muito sério, se a Polícia o quer matar... Devemos receber uma recompensa por isto.” O pai ficou em silêncio durante algum tempo, como se estivesse a ordenar os seus pensamentos. “Por outro lado, se o estrangeiro nos puder pagar... É perigoso mas pode valer a pena arriscar.”
Luyen interrompeu o discurso do pai: “Tu não estás a perceber...”
O estrangeiro, que seguia atentamente a conversa, avaliava as palavras do velhote. Assistia às suas expressões – do entusiasmo à incredulidade, da ganância à incerteza. Por instinto, talvez, o estrangeiro pegou na lâmina – uma reacção nervosa, algo injustificada. Estava certo de que Luyen trataria de tudo. Seguiu a conversa entre pai e filho tanto quanto lhe era possível. De repente, olhou para Shi. Shi também olhou para ele. Levantou-se, aproximou-se dele e pegou-lhe na mão. Puxou a mão dele, levantando-o do chão e mostrou-lhe o caminho para o quarto dos pais.

A mãe estava à porta e acenou ao estrangeiro. Shi sussurrou-lhe algo ao ouvido e a Mãe entrou na sala. Shi empurrou o estrangeiro para dentro do quarto. Começou a mudar os lençóis.

O estrangeiro observava-a, como se estivesse parado no tempo, consciente de que faria melhor em seguir a conversa que se passava na sala, mas ao mesmo tempo, incapaz de se mover. Se não podia confiar em Luyen, que hipótese tinha de sobreviver? Pensou em atravessar a selva até ao Cambodja. Mas que hipóteses tinha de lá chegar? E em quantos Luyens teria de confiar durante o percurso? Finalmente, decidiu voltar à sala. Shi impediu-o: “Prometo. Não há problema.”
“Não há problema, o caraças!” exclamou o estrangeiro. “E quem és tu para me dizeres que não tenho problemas? Tenho problemas! Deixa-me!” disse, empurrando-a do seu caminho. Quando entrou na sala, Luyen ainda discutia com o pai.
“Luyen”, interrompeu o estrangeiro. “Provavelmente salvaste-me a vida e isso é mais que suficiente. Agora posso seguir o meu caminho. Não metas a tua família nisto. Lembra-te que sou um tigre. Os tigres dormem nas árvores. Eu durmo lá fora. Basta que avises a tua família que mato seja quem for que saia desta casa antes do amanhecer.”
Mal o estrangeiro terminou a última frase, calou-se, envergonhado da sua ingratidão. “Desculpa, não era isso que queria dizer...”
“Deixa-te de tanta preocupação”, interrompeu Luyen. “Não te trouxe até aqui? Então deixa-me tratar do assunto.”

O pai de Luyen dirigiu-se ao estrangeiro com os olhos lacrimosos: “É amigo do Vietnam do Sul?” perguntou num inglês rudimentar.
“A Polícia está a tentar matar-me porque tem medo que eu saia daqui e divulgue ao mundo o que vi. Esta é a única maneira que tenho de vos ajudar e de me vingar das hienas que governam Saigão.”
Luyen disse qualquer coisa em vietnamita e voltando-se para o estrangeiro, explicou: “Expliquei-lhe o que queria dizer com ‘hienas’. O inglês do meu pai não é muito bom.”
“É muito bem-vindo”, disse o ancião comovido.
Shi aproximou-se do estrangeiro: “Vês? Agora está tudo bem. Vem. Precisas de descansar.”
O ancião estava de cócoras no chão com as mãos a cobrirem-lhe o rosto. O estrangeiro posou-lhe a mão sobre o ombro e disse, antes de se render ao suave empurrar de Shi: “Prometo.”
Shi levou-o para o quarto e fechou a porta. Gentilmente despiu-o e indicou-lhe que se deitasse. Começou a massajar-lhe os dedos dos pés, aliviando-o de toda a tensão acumulada. Dedicou depois toda a sua atenção a cada um dos músculos de cada pé, cada tendão do tornozelo, cada músculo de cada uma das pernas.
O estrangeiro sentiu-se a flutuar e as recordações do Liz Salon voltaram. Recordou os mesmos toques suaves, mas firmes e a felação que habitualmente se seguia. Começou a sentir um desejo intenso de possuir Shi.
Os dedos dela subiam pela coluna, acariciando-o vértebra após vértebra até dedicar toda a sua atenção às costas, aos ombros, aos braços e ao pescoço.
Shi fez-lhe sinal para que se virasse, despiu-se e sentou-se em cima dele, fingindo ignorar a erecção dele. Shi continuava a massagem, roçando suavemente o clítoris no pénis dele. Shi continuou a gatinhar até alcançar a zona do abdómen. Estava húmida.
“O meu irmão disse-me que me querias. Agora percebo que é verdade. Podes pagar pela minha virgindade?”
“Claro que quero”, respondeu o estrangeiro sem hesitar. “Mas não gosto de pagar em troca de sexo – nem costumo fazer isso. Julgo que deves guardar a tua virgindade para alguém que ames.”
“Mas eu amo-te!” respondeu Shi, baixando os olhos. És bonito, és um amigo, és como um dos heróis dos meus sonhos. Tu é que não compreendes. Já tenho 15 anos e em breve a Polícia vai pedir a licença de negócio ao meu pai e vão ver que ele não a tem. Depois vão passar-lhe uma multa e ele não vai ter dinheiro para a pagar e vão prendê-lo! É por isso que tenho de me manter virgem, para poder pagar essa multa. Sabes, muitos homens asiáticos acreditam que tirar a virgindade a uma rapariga traz boa sorte, especialmente nos negócios. Outros querem virgens porque têm medo da SIDA. Se eu não tiver o dinheiro da virgindade para pagar a multa, vou ter de andar na prostituição durante muito mais tempo e não quero isso.”
O estrangeiro boquiaberto levantou-se. De repente, tudo lhe pareceu claro. Era a única testemunha de um tipo de crime em massa, organizado, sistematizado e executado a uma escala tal que não podia acreditar que fosse possível.
Isso também fez com que entendesse melhor o que a Polícia temia. Os interesses em jogo eram muito maiores do que imaginara.

XIX

Shi e o estrangeiro passaram os três dias seguintes a fazer amor, deixando a cama somente para as refeições, durante as quais o pai dela falava incessantemente sobre o passado – sobre torturas, prisões, humilhação, desespero e esperança.
Luyen traduzia tudo o melhor que podia. O estrangeiro tentava fixar todas as palavras.
Na terceira noite, Shi estava triste.
"O que tens?" perguntou o estrangeiro.
"Estou triste porque amanhã o Luyen vai levar-te para as montanhas e eu também gostava de ir."
"Eu volto", respondeu o estrangeiro, limpando-lhe as lágrimas do rosto. "Amo-te e voltarei por ti. Prometo."
"Nunca te deixarão voltar", respondeu-lhe Shi.
"Não preciso da autorização deles. Nem sequer a pedirei. Voltarei tal como vou. Quando um tigre é ferido por hienas, esconde-se na selva, lambe as feridas, espera até sair outra vez. Um belo dia, salta do cimo da árvore para reclamar o seu território. Tu és minha e voltarei para ti."
"Não voltarás", respondeu Shi suavemente.

XX

“Esta viagem não será tão simples quanto a anterior”, disse Luyen. “Agora devem estar à tua procura. Vamos viajar em três bicicletas separadas.”
“Porquê três bicicletas?” perguntou o estrangeiro.
“Porque vamos ser seguidos”, assegurou Luyen.
“Por quem?” perguntou o estrangeiro, perplexo.
“Quanto menos souberes, melhor”, retorquiu Luyen. “Eu vou à tua frente. Mantém a maior distância possível mas não me percas de vista. Se eu parar, tu paras. Se eu virar à direita, desces da tua bicicleta, esconde-la no lado direito da estrada e escondes-te. Se vires alguém a aproximar-se, corres e escondes-te.” E continuou: “Não te preocupes se te perderes. Fica escondido durante um ou dois dias até que vejas uma destas”, avisou Luyen apontando para a sua t-shirt amarela. “A mesma coisa para se eu virar à esquerda mas não te esqueças de esconderes a bicicleta no lado esquerdo da estrada. Esse será um sinal para quem nos esteja a seguir. Direita significa perigo, como um polícia sozinho. Nesse caso, podes contar em quem vem atrás de nós. O nosso “terceiro homem” está armado e atirará em quem te persiga. Esquerda representa grande perigo, como darmos de caras com uma patrulha, por exemplo.
“Vejo que estamos muito organizados”, comentou o estrangeiro.
“Ainda não viste nada...” respondeu Luyen.

XXI

Luyen virou duas vezes à direita e uma vez à esquerda, mas não houve quaisquer problemas durante todo o trajecto.
No segundo dia, os três homens encontraram-se pela primeira vez. O terceiro tinha – durante o caminho e sem se saber como – trocado a bicicleta por uma motorizada.
“Este é o Mo”, disse Luyen, apresentando-o ao estrangeiro. “A partir de agora, o Mo fica encarregue de tratar de ti. O inglês dele não é grande coisa mas agora tenho de voltar para casa.”

O estrangeiro observou o olhar atento e determinado e o corpo esguio e musculoso do desconhecido que doravante seria o seu protector.
“Em breve estarás a salvo”, assegurou Luyen. “Estamos perto da zona das montanhas.”
Luyen despediu-se do estrangeiro, acenando-lhe como se se tivessem conhecido por acaso, num encontro informal.
“E quanto ao dinheiro da virgindade da tua irmã?”
“Não te preocupes com isso. Nós cá nos arranjaremos. Fizeste-a muito feliz e isso é que importa.”
“Diz-lhe que eu voltarei”, gritou o estrangeiro.
“És um tigre, mas é completamente”, respondeu Luyen, rindo. “Quase que acredito em ti, mas a minha irmã não.”
“Verás” respondeu o estrangeiro, não totalmente das suas próprias palavras.

Mo e o estrangeiro seguiram caminho fora. Uns quilómetros mais tarde, cartazes enormes de ambos os lados da estrada avisavam:

“ÁREA RESTRITA – PROIBIDA A ENTRADA”

“Isto está cada vez mais interessante”, disse o estrangeiro. “Acho que vou gostar disto!”

XXII

Mal o avião descolou do aeroporto de Banguecoque e à medida que ia ganhando altitude, Hua Guo Feng olhou pela janela. Deixara Macau de madrugada. Tinha apanhado o *ferry* para Hong Kong, onde visitou um amigo. Depois apanhara um táxi que o levara ao aeroporto.
Chegou cedo, como era hábito seu, e passou algum tempo a ver as lojas do aeroporto. O voo para Banguecoque tinha chegado a horas, embora o voo para Ho Chi Minh estivesse ligeiramente atrasado – cerca de uma hora. Hua deveria aterrar em Saigão por volta das seis da tarde, hora local, onde teria o seu primo Tseng ou algum familiar à sua espera.
Hua levava consigo algumas lembranças chinesas e um anel de safiras para a sobrinha de Tseng. Tencionava oferecer o anel em troca da hospitalidade e ajuda que lhe tinham prestadas nas negociações com os fornecedores vietnamitas.
Mal viu as luzes do sinal "Não Fumar" apagarem-se, o rapaz que estava sentado ao lado de Hua perguntou-lhe: "Tem lume?"
Hua tivera o cuidado de pedir um lugar de não-fumador, pelo que ficara surpreendido e mesmo aborrecido com a pergunta.
"Não tenho", respondeu. "Mas está na zona de não-fumadores. Espero que não fume muito porque o fumo incomoda-me imenso." O rapaz consultou o cartão de embarque e verificou que estava de facto de um num lugar de não-fumador. Carregou no botão para chamar a hospedeira e passados uns meros segundos, apareceu uma hospedeira, simpática e sorridente à maneira tailandesa.
"Em que posso ajudar, senhor?"
O vizinho de Hua explicou o problema e perguntou se seria possível mudar para um lugar de fumador. Apesar de o voo estar cheio, a hospedeira voltou passado pouco tempo com a resposta. Outro passageiro concordara com a troca de lugares. Hua reconheceu o novo companheiro de viagem. Ambos tinham tomado o voo de Hong Kong para Banguecoque.
"Chamo-me Xiao Ping", apresentou-se. "Julgo que viemos juntos no voo de Hong Kong? É de lá?"
"Não", respondeu Hua. "Sou de Macau."
"Também eu! Que coincidência! Para onde vai, no Vietname?"
"Tenho uns parentes afastados em Saigão", respondeu Hua. "Tive uma encomenda bastante grande de sapatos e encarreguei os meus primos de a completarem. Vou verificar a qualidade da mercadoria, o preço e fazer uma nova encomenda. Já esteve no Vietname?" inquiriu Hua.
"É a terceira vez que lá vou", respondeu Ping. "Fiz várias compras de mobília feita à mão ao director de um campo de reeducação. Têm uma mão-de-obra baratíssima", sussurrou. E como é artesanato, a qualidade é muito boa. Posso apresentar-vos, se quiser. Esse director também negoceia em têxteis."
"Obrigado, mas prefiro trabalhar com os meus primos", disse Hua. "Confio neles. Sou refugiado da terra-Mãe, da China. E eu próprio estive num desses

campos de reeducação. Sentir-me-ia pouco à vontade a negociar com o director de um desses campos.”
“Entendo”, disse Ping.
O voo foi curto e agradável, apesar de depois a fila no balcão da imigração ser caótica. Levaram quase uma hora para apresentarem os passaportes. O polícia que os observou atentamente carregou num botão e pediu-lhes que esperassem enquanto inspeccionava o passaporte do passageiro seguinte. Um guarda de fronteira chegou entretanto.
“Acompanhem-me, por favor”, ordenou. “Precisamos de vos fazer algumas perguntas acerca do objectivo da vossa viagem. São meras formalidades”, acrescentou com um sorriso.
Hua e Ping seguiram o guarda até uma sala no aeroporto. O guarda pediu-lhes que esperassem. Passados 20 minutos voltou acompanhado de quatro homens.
“Os senhores estão presos”, afirmou o guarda enquanto os seus quatros camaradas algemavam os dois homens.
Hua ainda tentou dizer alguma coisa mas depressa foi interrompido com um violento pontapé nos genitais. Hua ficou caído no chão a contorcer-se com dores.
“Poderão explicar o que quiserem no tribunal”, disse o guarda, deixando os dois homens a cargo dos outros quatro.

XXIII

“Já foste preso!” disse Mo ao estrangeiro, mostrando-lhe um recorte de jornal que tirara do bolso.

VIETNAM NEWS

Homens de negócios portugueses presos no aeroporto de Ho Chi Min.

A alfândega vietnamita descobriu ontem o primeiro grande caso de tráfico de droga organizado no Vietname. seguindo o pedido de vigilância redobrada do Comité Central do Partido contra os inimigos da nossa amada República Socialista, que usam de todos os meios para sabotarem o nosso regime socialista, as autoridades alfandegárias apreenderam ontem mais de dez quilos de ópio puro no aeroporto de Ho Chi Minh.

Esta vitória na guerra contra o tráfico de estupefacientes acontece num momento em que a insegurança nas ruas de Ho Chi Minh aumenta de dia para dia. Os toxicodependentes gastam cerca de 100 dólares por dia no consumo de heroína e outras drogas. Os assaltos a turistas aumentaram consequentemente.

O combate ao narcotráfico constitui a melhor maneira de proteger as raparigas mais jovens do mundo da prostituição, a consequência inevitável para a maioria do vício terrível da droga.

“Tinham de salvar a face”, disse Mo.
“O que quer isso dizer?” perguntou o estrangeiro.
“A Polícia controla tudo. Ninguém lhe escapa. Todos os teus amigos e conhecidos estão em poder dela. Chamam-lhe “propaganda”. Vamos embora. Estamos a poucos quilómetros de onde moro. É numa “Área Restrita”. A entrada é proibida porque lá há muito ópio.

XVII

Andaram cerca de três horas. O estrangeiro estava impressionado com a população aglomerada tão miseravelmente, casa sobre casa durante mais de 30 quilómetros. Era como se Saigão fosse uma cidade interminável embora com ruas vazias, à excepção de um ou outro grupo de jovens vietnamitas que se viam ocasionalmente ou grupos de estranhos ciclistas e cucloboys de regresso a casa.
Ao longo do caminho, as casas tornavam-se menos frequentes e os campos de arroz só apareciam de vez em quando. Mas depois as casas desapareceram quase por completo e os arrozais predominavam na paisagem.
Não trocaram uma palavra durante toda a viagem. O estrangeiro estava exausto. Apesar disso, sentia-se seguro mas temia adormecer. O condutor virou à esquerda e seguiu por uma estrada muito estreita que terminava à entrada de uma casa.
"É a casa dos meus pais", disse.
Parou a moto, desceram e o rapaz abriu silenciosamente a pequena porta de madeira que se encontrava destrancada. Estava escuro porque a casa não tinha electricidade. O vietnamita pegou num isqueiro e acendeu um lampião a óleo que depois pendurou no tecto. Mal o fez, todo o cenário se tornou nítido: um quarto pequeno, uma mulher a dormir numa enxerga no chão e várias peças usadas de bicicleta – quadros, rodas, peças sobresselentes.
"O meu pai arranja bicicletas", explicou o rapaz. "E já agora, chamo-me Luyen."
A mulher sussurrou qualquer coisa em vietnamita. Levantou-se num ápice e olhou fixamente para o estrangeiro durante alguns minutos. Parecia estupefacta. Luyen e a mulher começaram a falar. A mulher tornou a olhar para o estrangeiro, sorriu e inclinou ligeiramente a cabeça, como se acabasse de tomar conhecimento da sua presença. Levantou-se e foi buscar comida e sake.
Os três sentaram-se no chão em torno da comida. Luyen e o estrangeiro comeram avidamente. Era a primeira vez que o estrangeiro comia sem medo de ser envenenado, desde o incidente no Hotel Majestic. A comida e bebida eram deliciosas. Tinham um sabor que nunca provara antes: o sabor da segurança.
Foi então que o estrangeiro viu uma rede suspensa por dois ganchos presos no tecto, pendurada a um canto da casa. Alguém dormia aí.
"A minha irmã", disse Luyen. "Queres-la?"
Sem esperar pela resposta, o Luyen levantou-se, deu-lhe uma palmada no rabo e disse: "Acorda, Shi. Temos uma visita."
A rapariga, ensonada, resmungou qualquer coisa.
"Um estrangeiro", acrescentou Luyen. "Um estrangeiro fugitivo."
Shi saltou da rede com uma agilidade surpreendente. Ficou boquiaberta em frente ao estrangeiro que estava sentado e igualmente incrédulo. Mas não se conteve e desatou a rir à gargalhada. Era um riso compulsivo, incontrolável.
"É a primeira vez que a minha irmã vê um estrangeiro", explicou Luyen. "A maior parte das pessoas daqui não tem autorização para ir ao centro de Saigão."
Shi ficou a rir durante uns cinco minutos seguidos antes de finalmente parar. Mas por pouco tempo, uma vez que o riso voltou logo depois.

“O que é que se passa aqui?” perguntou uma voz masculina, interrompendo o riso de Shi. O pai, acordado por toda aquela risota, entrara no quarto. Ainda não tinha acabado a pergunta quando reparou na presença do estrangeiro.
“O Luyen trouxe-nos um estrangeiro!” exclamou Shi, radiante.
“Parabéns, Luyen”, disse o pai. “Quer passar a noite aqui? Disseste-lhe que podemos alugar-lhe um quarto?”
“Pai, ele não tem dinheiro.”
“O quê?”
“E para mais anda a fugir da Polícia. Tentaram matá-lo!”
O pai acenou com a cabeça em sinal de desaprovação. “A Polícia pode roubar turistas mas não os pode matar. Este rapaz é um criminoso?” Após uma breve pausa, continuou: “O melhor é entregarmo-lo já. Deve ser um problema muito sério, se a Polícia o quer matar... Devemos receber uma recompensa por isto.”
O pai ficou em silêncio durante algum tempo, como se estivesse a ordenar os seus pensamentos. “Por outro lado, se o estrangeiro nos puder pagar... É perigoso mas pode valer a pena arriscar.”
Luyen interrompeu o discurso do pai: “Tu não estás a perceber...”
O estrangeiro, que seguia atentamente a conversa, avaliava as palavras do velhote. Assistia às suas expressões – do entusiasmo à incredulidade, da ganância à incerteza. Por instinto, talvez, o estrangeiro pegou na lâmina – uma reacção nervosa, algo injustificada. Estava certo de que Luyen trataria de tudo. Seguiu a conversa entre pai e filho tanto quanto lhe era possível. De repente, olhou para Shi. Shi também olhou para ele. Levantou-se, aproximou-se dele e pegou-lhe na mão. Puxou a mão dele, levantando-o do chão e mostrou-lhe o caminho para o quarto dos pais.

A mãe estava à porta e acenou ao estrangeiro. Shi sussurrou-lhe algo ao ouvido e a Mãe entrou na sala. Shi empurrou o estrangeiro para dentro do quarto. Começou a mudar os lençóis.

O estrangeiro observava-a, como se estivesse parado no tempo, consciente de que faria melhor em seguir a conversa que se passava na sala, mas ao mesmo tempo, incapaz de se mover. Se não podia confiar em Luyen, que hipótese tinha de sobreviver? Pensou em atravessar a selva até ao Cambodja. Mas que hipóteses tinha de lá chegar? E em quantos Luyens teria de confiar durante o percurso? Finalmente, decidiu voltar à sala. Shi impediu-o: “Prometo. Não há problema.”
“Não há problema, o caraças!” exclamou o estrangeiro. “E quem és tu para me dizeres que não tenho problemas? Tenho problemas! Deixa-me!” disse, empurrando-a do seu caminho. Quando entrou na sala, Luyen ainda discutia com o pai.
“Luyen”, interrompeu o estrangeiro. “Provavelmente salvaste-me a vida e isso é mais que suficiente. Agora posso seguir o meu caminho. Não metas a tua família nisto. Lembra-te que sou um tigre. Os tigres dormem nas árvores. Eu durmo lá fora. Basta que avises a tua família que mato seja quem for que saia desta casa antes do amanhecer.”
Mal o estrangeiro terminou a última frase, calou-se, envergonhado da sua ingratidão. “Desculpa, não era isso que queria dizer...”
“Deixa-te de tanta preocupação”, interrompeu Luyen. “Não te trouxe até aqui? Então deixa-me tratar do assunto.”
O pai de Luyen dirigiu-se ao estrangeiro com os olhos lacrimosos: “É amigo doo Vietnam do Sul?” perguntou num inglês rudimentar.

“A Polícia está a tentar matar-me porque tem medo que eu saia daqui e divulgue ao mundo o que vi. Esta é a única maneira que tenho de vos ajudar e de me vingar das hienas que governam Saigão.”
Luyen disse qualquer coisa em vietnamita e voltando-se para o estrangeiro, explicou: “Expliquei-lhe o que queria dizer com ‘hienas’. O inglês do meu pai não é muito bom.”
“É muito bem-vindo”, disse o ancião comovido.
Shi aproximou-se do estrangeiro: “Vês? Agora está tudo bem. Vem. Precisas de descansar.”
O ancião estava de cócoras no chão com as mãos a cobrirem-lhe o rosto. O estrangeiro posou-lhe a mão sobre o ombro e disse, antes de se render ao suave empurrar de Shi: “Prometo.”
Shi levou-o para o quarto e fechou a porta. Gentilmente despiu-o e indicou-lhe que se deitasse. Começou a massajar-lhe os dedos dos pés, aliviando-o de toda a tensão acumulada. Dedicou depois toda a sua atenção a cada um dos músculos de cada pé, cada tendão do tornozelo, cada músculo de cada uma das pernas.
O estrangeiro sentiu-se a flutuar e as recordações do Liz Salon voltaram. Recordou os mesmos toques suaves, mas firmes e a felação que habitualmente se seguia. Começou a sentir um desejo intenso de possuir Shi.
Os dedos dela subiam pela coluna, acariciando-o vértebra após vértebra até dedicar toda a sua atenção às costas, aos ombros, aos braços e ao pescoço.
Shi fez-lhe sinal para que se virasse, despiu-se e sentou-se em cima dele, fingindo ignorar a erecção dele. Shi continuava a massagem, roçando suavemente o clítoris no pénis dele. Shi continuou a gatinhar até alcançar a zona do abdómen. Estava húmida.
“O meu irmão disse-me que me querias. Agora percebo que é verdade. Podes pagar pela minha virgindade?”
“Claro que quero”, respondeu o estrangeiro sem hesitar. “Mas não gosto de pagar em troca de sexo – nem costumo fazer isso. Julgo que deves guardar a tua virgindade para alguém que ames.”
“Mas eu amo-te!” respondeu Shi, baixando os olhos. És bonito, és um amigo, és como um dos heróis dos meus sonhos. Tu é que não compreendes. Já tenho 15 anos e em breve a Polícia vai pedir a licença de negócio ao meu pai e vão ver que ele não a tem. Depois vão passar-lhe uma multa e ele não vai ter dinheiro para a pagar e vão prendê-lo! É por isso que tenho de me manter virgem, para poder pagar essa multa. Sabes, muitos homens asiáticos acreditam que tirar a virgindade a uma rapariga traz boa sorte, especialmente nos negócios. Outros querem virgens porque têm medo da SIDA. Se eu não tiver o dinheiro da virgindade para pagar a multa, vou ter de andar na prostituição durante muito mais tempo e não quero isso.”
O estrangeiro boquiaberto levantou-se. De repente, tudo lhe pareceu claro. Era a única testemunha de um tipo de crime em massa, organizado, sistematizado e executado a uma escala tal que não podia acreditar que fosse possível.
Isso também fez com que entendesse melhor o que a Polícia temia. Os interesses em jogo eram muito maiores do que imaginara.

XIX

Shi e o estrangeiro passaram os três dias seguintes a fazer amor, deixando a cama somente para as refeições, durante as quais o pai dela falava incessantemente sobre o passado – sobre torturas, prisões, humilhação, desespero e esperança.
Luyen traduzia tudo o melhor que podia. O estrangeiro tentava fixar todas as palavras.
Na terceira noite, Shi estava triste.
“O que tens?” perguntou o estrangeiro.
“Estou triste porque amanhã o Luyen vai levar-te para as montanhas e eu também gostava de ir.”
“Eu volto”, respondeu o estrangeiro, limpando-lhe as lágrimas do rosto. “Amo-te e voltarei por ti. Prometo.”
“Nunca te deixarão voltar”, respondeu-lhe Shi.
“Não preciso da autorização deles. Nem sequer a pedirei. Voltarei tal como vou. Quando um tigre é ferido por hienas, esconde-se na selva, lambe as feridas, espera até sair outra vez. Um belo dia, salta do cimo da árvore para reclamar o seu território. Tu és minha e voltarei para ti.”
“Não voltarás”, respondeu Shi suavemente.

XX

"Esta viagem não será tão simples quanto a anterior", disse Luyen. "Agora devem estar à tua procura. Vamos viajar em três bicicletas separadas."
"Porquê três bicicletas?" perguntou o estrangeiro.
"Porque vamos ser seguidos", assegurou Luyen.
"Por quem?" perguntou o estrangeiro, perplexo.
"Quanto menos souberes, melhor", retorquiu Luyen. "Eu vou à tua frente. Mantém a maior distância possível mas não me percas de vista. Se eu parar, tu paras. Se eu virar à direita, desces da tua bicicleta, esconde-la no lado direito da estrada e escondes-te. Se vires alguém a aproximar-se, corres e escondes-te." E continuou: "Não te preocupes se te perderes. Fica escondido durante um ou dois dias até que vejas uma destas", avisou Luyen apontando para a sua t-shirt amarela. "A mesma coisa para se eu virar à esquerda mas não te esqueças de esconderes a bicicleta no lado esquerdo da estrada. Esse será um sinal para quem nos esteja a seguir. Direita significa perigo, como um polícia sozinho. Nesse caso, podes contar em quem vem atrás de nós. O nosso "terceiro homem" está armado e atirará em quem te persiga. Esquerda representa grande perigo, como darmos de caras com uma patrulha, por exemplo.
"Vejo que estamos muito organizados", comentou o estrangeiro.
"Ainda não viste nada..." respondeu Luyen.

XXI

Luyen virou duas vezes à direita e uma vez à esquerda, mas não houve quaisquer problemas durante todo o trajecto.
No segundo dia, os três homens encontraram-se pela primeira vez. O terceiro tinha – durante o caminho e sem se saber como – trocado a bicicleta por uma motorizada.
"Este é o Mo", disse Luyen, apresentando-o ao estrangeiro. "A partir de agora, o Mo fica encarregue de tratar de ti. O inglês dele não é grande coisa mas agora tenho de voltar para casa."

O estrangeiro observou o olhar atento e determinado e o corpo esguio e musculoso do desconhecido que doravante seria o seu protector.
"Em breve estarás a salvo", assegurou Luyen. "Estamos perto da zona das montanhas."
Luyen despediu-se do estrangeiro, acenando-lhe como se se tivessem conhecido por acaso, num encontro informal.
"E quanto ao dinheiro da virgindade da tua irmã?"
"Não te preocupes com isso. Nós cá nos arranjaremos. Fizeste-a muito feliz e isso é que importa."
"Diz-lhe que eu voltarei", gritou o estrangeiro.
"És um tigre, mas é completamente", respondeu Luyen, rindo. "Quase que acredito em ti, mas a minha irmã não."
"Verás" respondeu o estrangeiro, não totalmente das suas próprias palavras.

Mo e o estrangeiro seguiram caminho fora. Uns quilómetros mais tarde, cartazes enormes de ambos os lados da estrada avisavam:

"ÁREA RESTRITA – PROIBIDA A ENTRADA"

"Isto está cada vez mais interessante", disse o estrangeiro. "Acho que vou gostar disto!"

XXII

Mal o avião descolou do aeroporto de Banguecoque e à medida que ia ganhando altitude, Hua Guo Feng olhou pela janela. Deixara Macau de madrugada. Tinha apanhado o *ferry* para Hong Kong, onde visitou um amigo. Depois apanhara um táxi que o levara ao aeroporto.

Chegou cedo, como era hábito seu, e passou algum tempo a ver as lojas do aeroporto. O voo para Banguecoque tinha chegado a horas, embora o voo para Ho Chi Minh estivesse ligeiramente atrasado – cerca de uma hora. Hua deveria aterrar em Saigão por volta das seis da tarde, hora local, onde teria o seu primo Tseng ou algum familiar à sua espera.

Hua levava consigo algumas lembranças chinesas e um anel de safiras para a sobrinha de Tseng. Tencionava oferecer o anel em troca da hospitalidade e ajuda que lhe tinham prestadas nas negociações com os fornecedores vietnamitas.

Mal viu as luzes do sinal "Não Fumar" apagarem-se, o rapaz que estava sentado ao lado de Hua perguntou-lhe: "Tem lume?"

Hua tivera o cuidado de pedir um lugar de não-fumador, pelo que ficara surpreendido e mesmo aborrecido com a pergunta.

"Não tenho", respondeu. "Mas está na zona de não-fumadores. Espero que não fume muito porque o fumo incomoda-me imenso." O rapaz consultou o cartão de embarque e verificou que estava de facto de um num lugar de não-fumador. Carregou no botão para chamar a hospedeira e passados uns meros segundos, apareceu uma hospedeira, simpática e sorridente à maneira tailandesa.

"Em que posso ajudar, senhor?"

O vizinho de Hua explicou o problema e perguntou se seria possível mudar para um lugar de fumador. Apesar de o voo estar cheio, a hospedeira voltou passado pouco tempo com a resposta. Outro passageiro concordara com a troca de lugares. Hua reconheceu o novo companheiro de viagem. Ambos tinham tomado o voo de Hong Kong para Banguecoque.

"Chamo-me Xiao Ping", apresentou-se. "Julgo que viemos juntos no voo de Hong Kong? É de lá?"

"Não", respondeu Hua. "Sou de Macau."

"Também eu! Que coincidência! Para onde vai, no Vietname?"

"Tenho uns parentes afastados em Saigão", respondeu Hua. "Tive uma encomenda bastante grande de sapatos e encarreguei os meus primos de a completarem. Vou verificar a qualidade da mercadoria, o preço e fazer uma nova encomenda. Já esteve no Vietname?" inquiriu Hua.

"É a terceira vez que lá vou", respondeu Ping. "Fiz várias compras de mobília feita à mão ao director de um campo de reeducação. Têm uma mão-de-obra baratíssima", sussurrou. E como é artesanato, a qualidade é muito boa. Posso apresentar-vos, se quiser. Esse director também negoceia em têxteis."

“Obrigado, mas prefiro trabalhar com os meus primos”, disse Hua. “Confio neles. Sou refugiado da terra-Mãe, da China. E eu próprio estive num desses campos de reeducação. Sentir-me-ia pouco à vontade a negociar com o director de um desses campos.”

“Entendo”, disse Ping.

O voo foi curto e agradável, apesar de depois a fila no balcão da imigração ser caótica. Levaram quase uma hora para apresentarem os passaportes. O polícia que os observou atentamente carregou num botão e pediu-lhes que esperassem enquanto inspeccionava o passaporte do passageiro seguinte. Um guarda de fronteira chegou entretanto.

“Acompanhem-me, por favor”, ordenou. “Precisamos de vos fazer algumas perguntas acerca do objectivo da vossa viagem. São meras formalidades”, acrescentou com um sorriso.

Hua e Ping seguiram o guarda até uma sala no aeroporto. O guarda pediu-lhes que esperassem. Passados 20 minutos voltou acompanhado de quatro homens.

“Os senhores estão presos”, afirmou o guarda enquanto os seus quatros camaradas algemavam os dois homens.

Hua ainda tentou dizer alguma coisa mas depressa foi interrompido com um violento pontapé nos genitais. Hua ficou caído no chão a contorcer-se com dores.

“Poderão explicar o que quiserem no tribunal”, disse o guarda, deixando os dois homens a cargo dos outros quatro.

XXIII

“Já foste preso!” disse Mo ao estrangeiro, mostrando-lhe um recorte de jornal que tirara do bolso.

VIETNAM NEWS

Homens de negócios portugueses presos no aeroporto de Ho Chi Min.

A alfândega vietnamita descobriu ontem o primeiro grande caso de tráfico de droga organizado no Vietname. SeguIndo o pedido de vigilância redobrada do Comité Central do Partido contra os inimigos da nossa amada República Socialista, que usam de todos os meios para sabotarem o nosso regime socialista, as autoridades alfandegárias apreenderam ontem mais de dez quilos de ópio puro no aeroporto de Ho Chi Minh.

Esta vitória na guerra contra o tráfico de estupefacientes acontece num momento em que a insegurança nas ruas de Ho Chi Minh aumenta de dia para dia. Os toxicodependentes gastam cerca de 100 dólares por dia no consumo de heroína e outras drogas. Os assaltos a turistas aumentaram consequentemente.

O combate ao narcotráfico constitui a melhor maneira de proteger as raparigas mais jovens do mundo da prostituição, a consequência inevitável para a maioria do vício terrível da droga.

“Tinham de salvar a face”, disse Mo.
“O que quer isso dizer?” perguntou o estrangeiro.
“A Polícia controla tudo. Ninguém lhe escapa. Todos os teus amigos e conhecidos estão em poder dela. Chamam-lhe “propaganda”. Vamos embora. Estamos a poucos quilómetros de onde moro. É numa “Área Restrita”. A entrada é proibida porque lá há muito ópio.

Uns quilómetros mais tarde, cartazes enormes de ambos os lados da estrada avisavam:

“ÁREA RESTRITA – PROIBIDA A ENTRADA”

“Isto está cada vez mais interessante”, disse o estrangeiro. “Acho que vou gostar disto!”

Primeiro Epílogo

Hua Guo Feng e Lee Phong, ambos de nacionalidade portuguesa, foram presos e fuzilados por tráfico de ópio.
Juan, que se recusou a participar na tentativa de homicídio planeada contra mim e Nguyen e Pham, os meus melhores amigos em Saigão, foram identificados pelo pessoal do Hotel Majestic como as pessoas que me perseguiram pelo hotel a dentro. Foram condenados por tentativa de homicídio e sentenciados a 12 anos de prisão.
Juan foi condenado a 18 anos de prisão. Os três morreram na prisão, provavelmente depois de terem sido torturados. As famílias de todos foram expulsas de Saigão e "re-aloojadas" em "Áreas Restritas", onde proovavelmente terão morrido à fome.
Sharon e a família também foram expulsas de Saigão para uma zona no centro do país. As irmãs mais novas de quatro e nove anos foram enviadas para o Cambodja para fazerem parte de uma rede de prostituição infantil.
Toan perdeu o estatuto de líder do *gang*. Continua a ganhar a vida como cyclo-boy.
Desconheço o que poderá ter acontecido aos meus outros benfeitores.

PARTE II - ENTRADA NAS ÁREAS RESTRITAS

Vietnam - Um pouco mais de História

Após o exército Norte-Vietnamita tomar Saigão, entre outras terras do Sul e as chamadas terras-baixas, mais de um milhão de pessoas fugiu por mar, enquanto outras refugiaram-se nas montanhas. Estas eram habitadas por tribos semi-nómadas, a maioria das quais tinha sido treinada indoutrinada pelos Americanos no sentido de apoiar tendo o governo Sul-Vietnamita.

Parte desse exército derrotado partiu com as suas famílias e reuniu-se nas montanhas, onde os americanos tinham deixado enormes quantidades de armamento escondido, destinadas às tribos das montanhas.

Após consolidar o seu domínio nas terras-baixas, os Comunistas voltaram-se agora para as terras-altas. Porém, à medida que penetravam nestas áreas, iam sofrendo baixas tremendas. Estavam agora frente a frente com as tácticas de guerrilha que se haviam revelado tão eficazes no passado, quando praticadas por eles próprios.

Os bandos armados de “contra-revolucionários” iam mudando sempre de lugar, o que tornava impossível um confronto decisivo. Juntavam-se e reagrupavam-se quando e como queriam, e eram indistintos de, e apoiados por, uma população civil hostil.

A táctica que os comunistas adoptaram foi simples, mas eficaz: Estabeleceram bases militares fortificadas nos vales, impedindo a comunicação entre os rebeldes. Esta táctica tinha a vantagem de poder provocar o colapso da economia das tribos semi nómadas, baseada na frequente deslocações dos seus rebanhos de gado para novas pastagens. Sem essa liberdade de movimento, a fome alastrou, agravada pela presença de mais de um milhão de refugiados das terras-baixas.

Os Comunistas aproveitaram-se da situação para oferecerem às tribos das montanhas arroz em troca da entrega de refugiados ou dos seus restos mortais. De facto, eles puseram as tribos das montanhas a perseguir o que restava do exército Sul-Vietnamita. Após alguns anos, a operação estava concluída. No entanto, os Comunistas mantiveram a política de isolamento, que impedia as tribos das montanhas de se movimentarem. Tendo-as forçado à sedentarização, alguns comandantes locais corruptos instruíram-nos no cultivo de ópio, do qual eram eles os únicos compradores. Assim a economia das terras-altas tornou-se baseada na cultura da papoila do ópio. Esta situação continua até aos dias de hoje, em muitas das chamadas “Áreas Restritas”.

I - AMEAÇAS

Eu passei apenas uns dias na companhia e sob a protecção de pessoas que não falavam inglês.
Movimentávamo-nos de noite, atravessando selvas, vales, e plantações de papoila de ópio. Algo que notei, foi o facto de não existirem em lado algum raparigas. Dormi numa aldeia onde não havia nenhuma. Os meus amigos fizeram sinal que tinham sido algemadas. Comecei a perceber que a polícia “recrutava” minorias étnicas para o circuito do mercado “interno” da prostituição (dirigido para homens vietnamitas). Não senti a confiança necessária nesta conclusão para expor no meu livro uma acusação deste tipo. Estas tribos haviam sobrevivido milhares de anos, no entanto dar seguimento a esta política representava dizimá-las em décadas. A Lei Internacional classifica a “prática sistemática de violação de mulheres de minorias étnicas” como uma forma de genocídio. E era exactamente o que eu estava a testemunhar: Um genocídio contínuo, sistemático, levado a cabo por razões políticas, raciais e comerciais, sob encobrimento oficial. Afim de melhor documentar e confirmá-lo, decidi que iria publicar apenas a primeira parte do livro, “Os Tigres de Saigão” electronicamente, e procurar corroborar provas sobre o que se estava realmente a passar nas “Áreas Restritas”, e incorporá-las na obra mais tarde, procedendo então à publicação sob forma de livro tradicional. Publiquei o livro através de uma firma chamada E-Publications e procurei saber mais sobre o que se passava nas “Áreas Restritas”. Pedi ao Professor Vern Wietzel do “Australia-Vietnam Discussion Forum” para colocar “Os Tigres de Saigão” e os primeiros capítulos da “Entrada nas Áreas Restritas” em debate no seu fórum.

Recebi então os seguintes comentários:

Assunto:
Resposta para “Um tigre de Saigão”
Data: 22 de Agosto de 1997 10:14:13 EDT
De: <NTNGUY01@ULKYVM.LOUISVILE.EDU>

Para:<vern@coombs.anu.edu.au.>, <vn foru@saigon.com>
Sobre: <vnforum@saigon.com>

Assunto: Resposta para “O tigre de Saigão”

Caro Vern, (pode enviar para quem estiver interessado em ler este meu comentário);

Li o extracto de “Um tigre em Saigão”.

É um romance interessante, no estilo de James Bond, cheio de imaginação e ficção. Eu preferia que o autor mudasse o nome “Vietnam” para o nome do seu próprio país (ou poderia ser Itália, França, Estados Unidos...) e o Tigre de Saigão para o Tigre de Milão/ Marselha/ Nova Yorke...

Se o propósito deste livro é descrever algumas realidades no Vietnam:

Como em todos os países, lidar com gangs, prostitutas, traficantes de droga, criminosos... Em breve torna-se-se num deles!

Como a maioria dos criminosos, as pessoas pobres, sem educação, tornam-se marginais na sociedade, ignorando a história e os costumes do Vietnam... Ao lidar com esta gente, o romance é um reflexo dessa civilização.

A paranóia do envenenamento da comida, o imaginar uma conspiração para o assassinar, das suas relações com prostitutas, as relações sexuais com uma menor (pode estar a cometer violação de acordo com a lei) falam por si.

O livro é insultuoso para os antigos oficiais Sul-Vietnamitas e para os seus filhos, confundindo-os com estes gangs e criminosos de rua. Conheça apenas os alguns (aqueles que foram soldados no Sul do Vietnam, oficiais, administradores), para ver como estes estão orgulhosos da educação que demos aos seus filhos, que na sua maioria têm pelo menos os estudos secundários completos, e acompanham os costumes e a moral vietnamita.

Conduta suspeita ao propor um favor em alterar o seu próprio relatório?

A existência de um investimento imaginário - sem qualquer prova de investimento da parte da sua própria companhia.

Um resultado de desconfiar. Concluindo: Não se trata de uma observação objectiva para se chegar a uma conclusão, mas sim de uma história imaginária com um desfecho totalmente de acordo com um filme de ficção.

Fim de comentário.......... ntnguy01. 8/22/97

O que eu não sabia na altura era que quem tinha escrito isto era o Tenente - Coronel Thai, que iria tentar sem sucesso raptar-me. Respondi:

Não vou rebater ponto por ponto cada um dos seus comentários. A sua maioria não merece uma resposta. Tenho pena de não poder mudar o título como você

sugeriu. É que a Itália, a França, os Estados Unidos, são sociedades democráticas. O Departamento de Estado Americano não emite avisos para quem viaja em tais países. E polícias fardados patrulham as ruas.

Recebi então, outro “comentário”:

Assunto:
Os Tigres de Saigão
Data:
Quarta, 27 de Agosto de1997 12:39:42 +0000
De:
David Nguyen<David.Nguyen@adm.monash.au>
Organização:
Administração, Universidade de Monash
Para:
miguel.pereira@nca.pt

Caro Sr. Pereira,
Li o seu «romance» se assim se pode chamar a “Os Tigres de Saigão”, com um enorme desapontamento. É que este «romance» não passa de um monte de lixo. Eu acho que você está a sofrer de algum tipo de doença mental. O meu conselho é que vá consultar um psiquiatra o mais rapidamente possível. Sou uma das pessoas que fugiram por mar mencionadas no seu “romance”, e já voltei duas vezes a Saigão desde que deixei o país, há vinte e dois anos. Viajei para a minha terra, incluindo as terras-altas, e contactei com muitas pessoas incluindo as crianças da rua.
Aquilo que você descreve no seu “romance” é produto da sua imaginação doentia.
Você precisa de tratamento psiquiátrico, antes agora do que tarde demais.

Cumprimentos**,**
David Nguyen**.**

O Tenente-Coronel Thai enviou uma segunda resposta:

Assunto:
Resposta 2 para o “ Tigre de Saigão”
Data**:**
Sexta, 29 de Agosto de 1997 14:35:51 +1000

O seu “Tigres de Saigão” foi enviado para VNFORUM para ser comentado.
Creio que os leitores do VNFORUM já devem conhecer a reacção. (comentário).

Para responder à sua questão quanto à credibilidade do seu “livro”:

Se ler as suas próprias palavras, você verá a “credibilidade”:

1- Você disse que sabia muito pouco sobre o Vietnam, ... E baseando-se na sua curta viagem... Mas escreveu um livro a comentar a história do Vietnam, as nossas normas políticas e sociais sendo a sua experiência a de uma pequena viagem!

2- Reuniu informações de muitas pessoas iletradas que não falavam bem o inglês... **Como conseguiu comunicar com eles para saber com precisão todos os segredos das mais altas patentes?**
E quais os conhecimentos destas pessoas ignorantes?

3- Você teme que contenha inexactidões: O seu medo é real.
(creio que tentou reprimir o seu medo).

4- Você não mencionou: Para que firma trabalhava? Qual era a sua missão? E de que maneira a sua firma queria investir no Vietnam? Se eu gastasse 23.500 dólares da minha empresa, eu decerto teria imenso para relatar!

5- Você disse que tinha uma transferência de 23.500 dólares do Crédit Lyonnais: Se tivesse consigo esse montante em Nova Yorke ou em Chicago e se se desse com gangs de rua, prostitutas... teria sorte em estar vivo na manhã seguinte.
Mas no Vietnam, tal como você disse, o crime é severamente punido, assim como a violência contra os turistas... por isso o meu palpite é que estes gangs de rua/prostitutas montaram-lhe um esquema, atraindo-o numa encenação de conspiração de assassínio, ... para lhe extorquirem o seu dinheiro pacificamente,... fazendo-o abandonar o país deixando tudo para trás. O que significam 23.500 dólares para o povo vietnamita se um trabalhador numa fábrica de ténis Nike ganha apenas cerca de 45 dólares por mês? Então estes gangs passaram muito tempo consigo, despenderam muito esforço, e não acreditaram quando lhes disse que esperava 23.500 dólares, e então disse: “Não tenho dinheiro”!

6- Qual seria o motivo para assassiná-lo? Temer o seu relatório? Deixe só os diplomatas do seu País (ou então pode ir aos à Embaixada dos Estados Unidos / Consulado Francês), e deixe-os apenas lerem a sua carta ao governo vietnamita. Irão eles vão rir-se de si, mas poderão ajudá-lo com bons conselhos.

7- Não vou discutir ponto por ponto o seu romance, tomar-me-ia mais tempo do que escrevê-lo eu próprio; Apesar de que eu seria bastante mais cauteloso em escrever um “livro” cujo conteúdo trata de assuntos que desconheço.

Espero que altere todos os “nomes” do seu romance como sugeri. **Gostava de comprar um exemplar para ler no avião.**

Boa sorte!
Fim**....**ntnguy01. 8/28/97

Eu respondi-lhe:

Vejo que parece estar muito bem informado sobre as minhas actividades de negócios no Vietnam. Isto faz-me pensar na forma como obteve essas informações e quais serão os seus reais motivos.
Gostava que entendesse uma coisa: Se você estiver disposto a ter um diálogo aberto, sincero, em privado (ou em público), eu estou aberto ao diálogo. Posso até ser “razoável”. Se não, tanto pior. Eu já tomei todas as precauções necessárias para um cenário “no pior dos casos”. Julgo que o que temos aqui é um clássico desentendimento cultural. Eu não fui ao Vietnam para me envolver em toda esta confusão, nem tão pouco estou assustado com as possíveis consequências.
Acredite ou não, eu tenho o maior respeito pelo vosso povo, cultura e civilização, por isso é difícil para mim levar a sério as suas ameaças. (Ou talvez eu esteja a interpretá-lo erradamente?). Não me parece de vosso interesse fazer nada que possa causar publicidade futuramente, e que dê credibilidade aos meus comentários e relatórios. Posso entender a sua ira, suponho que entende a minha? Considero-me uma pessoa razoável.. Talvez seja possível falarmos, em vez de difamar-mo-nos um ao outro? Cabe a si tomar a decisão.

Sinto que devo responder ao ponto 2 do seu comentário, acerca do “conhecimento das pessoas iletradas e ignorantes”: Quando a uma rapariga de 15 anos de idade é dito que o pai foi preso e que tem de vender a sua virgindade para angariar o dinheiro necessário para poder pagar a fiança, e que isso jà aconteceu a várias amigas dela, esse é o conhecimento de uma pessoa “iletrada e ignorante”.

Cumprimentos,

Miguel Pereira.

Tendo-me declarado disposto e “aberto a um diálogo sincero, e declarando-me disposto a ser “razoável”, eu estava a tentar negociar com eles. Libertavam os meus amigos, deixavam as suas famílias em paz, e pagariam uma quantia simbólica pelas tentativas de homicídio à minha pessoa. Infelizmente, como eu estava prestes

a aprender, os termos “sinceridade” e “compromisso” pura e simplesmente não constam do dicionário dos meus interlocutores.
Eu não tinha quaisquer ilusões sobre o que o meu correspondente queria dizer com “gostaria de adquirir um exemplar para poder ler no avião”.

Obviamente necessitavam de me silenciar, fazendo-me retirar os “Tigres de Saigão” e, sobretudo, evitar que eu suscitasse interesse sobre o que se passava nas “Áreas Restritas”. Estavam desesperados ao ponto de recorrer a uma tentativa de rapto. Uma vez em seu poder, eu venderia os meus “direitos de autor” de livre vontade. Receberia então um tratamento ainda pior do que aquele reservado aos meus amigos.
O meu corpo não seria recuperado. Mais tarde soube que planeavam livrar-se dele na Embaixada vietnamita de Paris.

II- PRECAUÇÕES

Eu tinha só um ou dois dias - era o meu cálculo - para o tempo que demoraria até eles chegarem a Lisboa e para poder preparar-me para o que viria. Mesmo neste curto espaço de tempo, o perigo espreitava. A Embaixada vietnamita mais próxima era em Paris - a duas horas de voo de Lisboa.

A minha primeira tarefa era tirar de minha casa todas as fontes de informação que fossem potencialmente reveladoras, e substituí-las por informações inócuas mas enganosas. O primeiro passo dos meus raptores seria provavelmente fazer uma busca na minha casa e no meu computador. Passei algumas horas a apagar ficheiros comprometedores, e ainda mais horas a modificar outros ficheiros. Ao implantar falsas informações, eu poderia confundir e enganar os meus raptores, e até mesmo controlar os seus movimentos. Deixei diversas dicas, pistas e também algumas moradas que seriam preciosas mais tarde. Demorou mais tempo do que eu pensara. Suando profusamente, à medida que as horas passavam, eu ia pensando se o mais prudente não seria simplesmente remover o computador de casa, mas no entanto, senti que tinha de correr o risco.

Voltei-me depois para outros documentos: as contas, a correspondência, fotografias, etc,... Eu tinha de estabelecer um equilíbrio muito delicado: Tirar tudo o que era essencial, deixando ao mesmo tempo a impressão de ter sido apanhado desprevenido.
Eu tinha de memorizar o que deixava ficar para trás, e não era fácil.

Sair de casa foi um alívio. Ao menos, ia poder dormir sem medo. No entanto, os meus contactos de negócios no Vietnam tinham a morada do meu escritório. Com toda a certeza, os meus raptores também a tinham. Sem poderem encontrar-me em casa, o passo mais óbvio seria procurarem-me lá. Teria eu de abandonar as

minhas actividades profissionais? E por quanto tempo? Apesar de tudo, eu não tinha sequer a certeza que a ameaça fosse real.

Repeti a “limpeza” que fiz em casa, no meu escritório. Apagar ou alterar ficheiros para, remotamente, poder controlar a estratégia dos meus raptores. Ao terminar o trabalho, tomei uma decisão: A minha vida profissional continuaria sem quaisquer mudanças. Eu iria para o escritório todos os dias. Seria aí que os meus raptores me encontrariam. O lugar era bastante inadequado para uma tentativa de rapto. Um grande complexo de escritórios com múltiplas entradas e guardas de segurança (desarmados). Se eu pudesse transmitir-lhes confiança suficiente para me apanharem em qualquer lado desprevenido, o complexo de escritórios parecia ser seguro.

Decidi ir dormir a casa de uma amiga. Já não a via há uns anos, por isso pareceu-me seguro. Tinha a vantagem acrescida de não estar nem muito perto, nem muito longe do meu escritório. E, é claro, eu esperava juntar o útil ao agradável, e que a companhia dela fosse agradável. Aconteceu que a sua companhia revelou-se muito útil. A noite já ia avançada e eu estava exausto. Combinámos encontrar-nos para tomar uma bebida e para eu poder explicar-lhe a situação. Não me lembro claramente do que aconteceu naquela noite. Nós bebemos até tarde, e ela levou-me para casa dela; estava bastante divertida e achava excitantes os meus problemas.

Acordei de madrugada. Havia inúmeras medidas óbvias a tomar. Iniciei por apresentar uma queixa formal à polícia. Não tinha quaisquer ilusões sobre o facto de isso resolver o assunto, mas valia a pena tomar essa medida. Ao contrário do que esperava, isso iria tornar-se muito útil de uma forma que nunca me ocorrera, na altura.

Eu tinha centrado as minhas esperanças nos Serviços de Informações de Segurança, o S.I.S., que pareciam mais talhados para o trabalho. Telefonei a um tio meu, um ex-ministro dos Negócios Estrangeiros. Perguntei-lhe se conhecia alguém do S.I.S..

- “Por definição, não conheço ninguém. Estas coisas são secretas por definição. Só te vou dar um pequeno conselho: Tem **muito** cuidado.”
Foi a resposta dele. Nem uma sequer uma pergunta sobre as minhas razões. Perguntei-lhe se podia transmitir uma mensagem.

-“Eu já te disse: **Eu não conheço ninguém.** Obrigado por teres telefonado.”

Desligou. Quanto ao S.I.S., eu estava de volta à estaca zero. No entanto, isto só confirmava a minha crença na eficiência do S.I.S.. Eu iria dedicar os próximos dias a tentar contactá-los. Também iria precisar de uma arma. Mas em Portugal, a posse de uma arma envolve possuir licença de porte e de uso da mesma. Obtê-la é um processo moroso, que habitualmente demora um ano e termina em rejeição do pedido. Eu decidi ter esperança que o S.I.S. me ajudasse nesse assunto em particular. Entretanto, teria de andar desarmado.

III- Primeiro Encontro

Cheguei ao escritório, na manhã seguinte, por volta das 11 horas. No centro do hall de entrada, existe um pequeno café.
Ao entrar, reparei numa rapariga asiática a beber um café. Nenhumas raparigas asiáticas trabalhavam naquele complexo de escritórios.
De onde ela estava sentada, tinha um ângulo de visão da entrada principal. Ela observou-me fixamente quando entrei. Olhei directamente para ela. Ela baixou os olhos e olhou demoradamente para a sua chávena de café. Fui directamente na direcção dela, e perguntei-lhe educadamente se podia sentar-me na sua mesa. Ela respondeu-me afirmativamente. Perguntei-lhe de onde era.
- “Sul de Bangkok”, respondeu.
- Conheço muito bem Bangkok. Seria capaz de mandar uma mensagem para uma pessoa em Bangkok?
- “Não”, replicou. Agarrou na mala, e pegou no telemóvel. Eu segurei-lhe delicada mas firmemente no braço.
-“Ton Mui Guiap”, disse-lhe.
- Desculpe?, respondeu.
- Eu estava a falar tailandês. O que eu disse é que você é uma mulher muito bonita. Até logo.
Dirigi-me para o elevador, premi cada botão e desci no quinto andar, telefonei a um dos meus colegas, e pedi-lhe para vir ter comigo.
Ele, que estava a par dos meus temores, chegou em segundos. Pedi-lhe para me emprestar o carro, e levar o meu depois.
Eu tinha cometido o erro de usar o meu próprio carro. Agora era um bem comprometido. É muito fácil plantar um aparelho de localização num carro. Isto permite detectar a sua localização.
Eu tinha-me desleixado. Era um erro menor, mas tinha sido um erro.
Fomos à garagem, e para meu alívio, não havia vestígios de asiáticos. Agradeci ao meu amigo, e acenei-lhe, em despedida. Ao conduzir passei pelo meu carro e notei que quatro homens conversavam, nas imediações. Apenas vi-os de longe e estava sem paciência para verificar as suas origens raciais.

De uma coisa eu tinha a certeza: Os vietnamitas estavam a agir por conta própria. Tinham a confiança e a estupidez necessárias para o fazer. Além do mais, estavam em território hostil, onde não tinham contactos nem ligações. Isso dava-me uma vantagem enorme.

Por instantes, pensei se não seria melhor pintar ou rapar o cabelo, ou talvez deixar crescer a barba para esconder as cicatrizes facilmente identificáveis na minha face direita. De imediato rejeitei a ideia. Não é o meu género.

Fui directamente a uma embaixada, onde pedi para falar com o chefe da Segurança, que conhecia. Fui recebido passado alguns minutos, e expliquei a minha situação. Ele foi muito compreensivo, e deu-me algumas dicas preciosas:

- Não use e-mails, ou faxes. Comunique somente através de cartas a grandes empresas, e utilize envelopes de clientes habituais.

Ele deu-me uma palavra em código. "Use numa emergência, se quiser falar comigo. De outro modo, utilize esta morada." Deu-me um endereço de uma enorme multinacional americana, e alguns envelopes com o logotipo de outra empresa. "Você deve tentar entrar em contacto com o S.I.S.. Nós não confiamos neles, nem você deve confiar, por isso, jogue pelo seguro".

Agradeci-lhe, e despedi-me. Ele estava claramente a agir além das suas funções. Aproveito esta oportunidade para lhe agradecer.

- Mantenha-me informado, disse, quando eu ia embora.

Depois do almoço, fui à Associated Press, onde fui recebido pelo Sr. Krylic. Expliquei-lhe a minha situação. Ele mostrou-se interessado, e queria o livro, e-mails, nomes de testemunhas, etc. Eu expliquei-lhe que não queria uma reportagem e que queria deixar as opções em aberto. O meu advogado possuía tudo e seguiria em frente, enviando-lhe o material, no caso de algo me acontecer. De outra forma, eu entraria em contacto com ele de novo.

- Não se preocupe, disse ele, quando eu ia a sair. "Se houver sangue, haverá notícia". Não fiquei muito encorajado.

Fiz o mesmo com um jornalista português, também meu amigo. Pedi-lhe também para suspender a publicação até futuras instruções.

Não me apercebi na altura, mas acabara de cometer um erro irreparável.

Necessitado de descanso, fui para uma praia distante. Aluguei um quarto privado na casa de uma família. Estava em segurança, mas a situação era insustentável. Eu não podia fugir eternamente, mas o tempo estava do meu lado. Os meus escritos ainda estavam na Internet. Contactar o S.I.S. era apenas uma questão de tempo. As minhas férias foram divertidas, mas de uma forma estranha. Sentia-me poderoso, com uma autoconfiança estimulada, porque cada hora que passava, era uma vitória sobre os meus adversários, e eu estava a lutar sozinho e desarmado contra aquilo que podia ser considerada uma das mais bem organizadas e poderosas máfias do mundo. E sentia ter capacidades para isso. Senti-me orgulhoso.

Só havia algo que me desmoralizava: Não houvera uma única palavra de apoio no “Vietnam Discussion Forum”. Após reflecção, percebi que, se alguém o fizesse, o seu e-mail seria lido pelos meus “amigos” vietnamitas. Compreendia a situação, mas mesmo assim não podia evitar sentir algum desapontamento.

III - Interlúdio

A minha estadia na praia foi curta, e tranquila. Comprei um novo telemóvel, com um novo número, com o qual mantive um contacto mínimo com alguns amigos. Pedi-lhes para irem a minha casa e levarem o meu computador. Eu esperava que isto levasse os meus raptores a confiar ainda mais na informação enganosa que eu lhes tinha deixado, e que decerto, eles já tinham. Mais tarde perguntei aos meus amigos se haviam notado algo suspeito na casa, mas eles não haviam notado nada.

Uns dias depois, decidi voltar a Lisboa. Mas, primeiro, teria de adquirir uma arma. Passei vários dias à procura de uma no mercado negro. A maioria era impossível de utilizar, com os seus mecanismos de ejecção encravados, ou com outros problemas do género. Só encontrei duas mais operacionais, mas nada de munições correspondentes. (Ambas tinham umas balas nos carregadores). Eu nem sequer poderia experimentá-las. E balas desse calibre são difíceis de obter. Eu passei a seguinte mensagem aos meus amigos: “Arranjem-me uma arma”. A outros, enviei uma mensagem diferente: “Ponham-me em contacto com o S.I.S. - Urgentemente!”

Eu estava a usar um telemóvel, contrariamente ao conselho que me fora dado. Mas a intercepção de conversas por telemóvel, estava, com certeza, para além das capacidades dos meus raptores. Também percebi, que mesmo sem ter sido afirmado claramente, que este conselho tinha mais a ver com os S.I.S. do que com os vietnamitas.

Estava já a caminho de Lisboa, quando recebi um telefonema de uma amiga. Conhecia-a há vários anos, durante os quais tivéramos alguns casos.
- Acho que precisamos de conversar. Sei da tua situação e posso ajudar.

IV- UMA PRIMEIRA AJUDA

Chamava-se Isabel. Conhecia-a há muito tempo. Encontrámo-nos num café, e ela prometeu entrar em contacto com alguém que ela conhecia no S.I.S. Emprestou-me uma arma, mandada por um amigo em comum.

Fui assim que fui apresentado ao Ricardo, que se assumia como sendo – e estou plenamente convencido é - um agente do S.I.S. Expliquei-lhe a minha situação.

“O que precisas é de dois cães de guarda”, disse ele. “Eu posso ser um deles, e achar outro. Então não terás nada com que te preocupar”.

Percebi de imediato que teria de encontrar uma forma de convencer o S.I.S. da gravidade da situação e que não tinha hipóteses de convencê-los naquele momento.

Pensei que o principal objectivo do Ricardo era, claramente, extorquir-me o máximo de dinheiro que pudesse. Os seus dois cães de guarda prontos 24 horas por dia, não só iriam custar-me uma pequena fortuna, durante um período interminável de tempo, como não estavam de certeza à altura da matilha de hienas que estavam no meu encalço.

Dois cães seriam mortos, um Tigre raptado, e seria o fim da história. Eu não o permitiria. Além do mais, o tempo estava do meu lado. O livro estava na Net. Os meus raptores não conseguiriam encontrar-me. E eu tinha adquirido uma arma. Acenei adeus ao Ricardo, pedi-lhe para investigar, e disse que voltava a contactá-lo em breve.

Ele obviamente não me levou a sério, pensei. Hoje não tenho certeza nenhuma. O mundo do SIS é muito enganador. Devo dizer que são verdadeiros mestres em encenações.

Levei a Isabel a casa no meu carro emprestado, e dirigi-me para um lugar em Espanha onde podia passar mais uns dias.

Decidi comprar um telemóvel em segunda mão e desligar o meu. Afinal, por duas vezes fora avisado para não confiar no S.I.S. e eles poderiam detectar os meus movimentos através das chamadas do meu telemóvel.

Retrospectivamente, acho que esta precaução me pode ter salvo a vida.

V- UM ERRO TELEFÓNICO VIETNAMITA

Fui à loja da Telecel e comecei a escolher um telémovel novo. Enquanto estava na loja, o meu telefone tocou. Apareceu-me um número no écran. Reparei que tinha 9 dígitos. Portugal é um país pequeno. Nunca tinha recebido - sequer ouvido falar - num Telecel com 9 dígitos. O meu telemóvel só tinha tocado uma vez. Não era um número confidencial. Eu devolvi a chamada. Ninguém atendeu. Ao comprar o meu novo telefone (utilizando outro nome), expliquei à assistente a ocorrência.

Temos estado a emitir números de nove dígitos nas últimas semanas. Isto quer dizer que quem lhe telefonou adquiriu o telefone recentemente. Eu penso, pelo que você me disse, que alguém está a tentar incluir o seu número na lista telefónica dele ou dela. Acontece algumas vezes. Se a pessoa lhe quisesse falar, teria deixado tocar por mais tempo, ou então respondia à sua chamada.

Pode identificar esta chamada?

Sim. É só um minuto. Nguyen Manh.

Agradeci-lhe, comprei o meu novo telemóvel e telefonei ao Ricardo através do antigo.

- Novidades?

- Não notámos nada fora do normal, por aqui. Está tudo calmo. Aonde estás?

- De férias. Põe este número sob vigilância. Pertence a um tal Nguyen Manh.

- Merda! Como é que conseguiste o número dele?

Expliquei-lhe.

- “Vamos verificar isso. Não te preocupes. Manterte-emos informado. Boas férias. Estás a precisar delas.” - E ambos desligámos.

VI

Dirigi-me a Isla Cristina, uma estância de férias no Sul de Espanha, logo a seguir à fronteira portuguesa. Decidi deixar o país para que ninguém em Portugal decidisse tentar localizar os meus movimentos através do meu telemóvel.

Era altura de reflectir. Decidi que não podia esperar e cheguei a considerar a ideia de arranjar um trabalho algures na Europa. Já não tinha quaisquer ilusões sobre poder mudar o destino dos meus amigos. O mínimo que eu podia fazer, era dar a conhecer ao Mundo a situação. Por outras palavras, publicar o livro de forma não - virtual. Contactei várias editoras nos Estados Unidos e em Inglaterra, e recebi respostas favoráveis.
Mantive-me em contacto com o escritório, utilizando o meu número novo, mas tomando a precaução de conduzir até Portugal para o fazer, para me assegurar que ninguém poderia saber das minhas andanças.

Estava prestes a concretizar a publicação, quando, ao telefonar para o meu escritório, me disseram que tinha chegado um fax para mim do Vietnam. Tinha sido enviado por uma firma chamada Leaprodexim, que se situava em Hanói, com a qual eu tinha negociado a importação de bolas de futebol e outros artigos desportivos. Informava-me que o Sr. Do Than Hong, o director da Leaprodexim, iria visitar a Europa, para se encontrar com os clientes da empresa, e estaria disposto a visitar-me em Lisboa.

Eu conhecia bem a firma Leaprodexim e eles não tinham nenhum ”Departamento de Exportação”. Era bastante claro para mim o que

tinha acontecido. Sem conseguirem encontrar-me, os meus raptores tinham elaborado um estratagema. Os administradores da Leaprodexim tinham sido postos em “Prisão Administrativa” e, utilizando os telefones da companhia, faxes, e pessoal, os militares vietnamitas estavam a tentar montar-me uma armadilha.

Pensei em telefonar à Leaprodexim e pedir para falar com o director, Sr. Pham ou o seu assistente, Toan.
Depois, reflectindo no assunto, vi que não havia nenhuma vantagem em fazer isso. Dir-me-iam que eles estavam de férias, ou algo do género, e os meus raptores ficariam a saber que eu não iria cair na armadilha deles. Pareceu-me melhor ingenuamente aceitar o convite deles. Era altura de voltar a Lisboa.

VII- Encontro com o Sr. Do

Dirigi-me a Lisboa e encontrei-me com o Ricardo.

Expliquei-lhe o que se passava, e que necessitava de segurança. Perguntei-lhe se me podiam conceder licença de uso e porte de armas. Garantiu-me que sim.

“Nós já recebemos ordens do Alto para te protegermos. Vamos estar presentes. Envia uma limousine para o ir buscar. O motorista será “um de nós”. Aconselho-te a ficares em minha casa, esta noite, sob a minha protecção até que ele chegue. Não saias sozinho, não deixes esta zona (Almada). Marca uma reserva no Hotel Tivoli Jardim.

O Hotel Tivoli é um hotel de cinco estrelas localizado num beco, cerca do Hotel Tivoli Jardim. Qualquer tentativa de rapto seria facilmente evitada.

Passei os três dias seguintes com o Ricardo e com os seus amigos. Eles alojaram-me e protegeram-me. Foi mandada uma limousine para buscar o Sr. Do.

Fomos para o Hotel Tivoli em três carros, antes do Sr. Do chegar. O Ricardo disse-me que os dois carros atrás do nosso levavam pessoal do S.I.S. e uma brigadas especial da PSP. Quando chegámos, o agente Mota, que obviamente controlava a situação, enviou dois atiradores para o telhado do Hotel. Aparentemente, já obtivera autorização da gerência do hotel. Dois agentes com mochilas entraram no elevador. Os outros dispersaram-se. Câmaras de vídeo e aparelhos haviam sido estrategicamente colocadas disse-me o Ricardo.

Como eu não confiava plenamente no S.I.S., pedira a cinco amigos meus que estivessem armados no Hotel.

Avisei o Mota da sua presença. O Ricardo e eu fomos ao bar, e pedimos algumas bebidas. Em breve chegou o Sr. Do, com as malas cheias de bolas de futebol, ténis, etc...
Fui recebê-lo à recepção. Gradualmente, uma dúzia de asiáticos chegou, em grupos de três e quatro. Notei um certo nervosismo da parte do Mota. Este fez um telefonema e alguns minutos depois um carro da polícia chegou e estacionou à porta do Hotel.

Eu e o Sr. Do sentámo-nos numa mesa no salão. O Ricardo também se sentou. O Sr. Do disse que tinha trazido imensas amostras e que seria preferível mostrar-mas no seu quarto. Concordei, mas o Ricardo interviu:

Explica ao teu amigo que houve um pequeno engano da tua parte. Diz que o quarto é no Hotel Tivoli Jardim mesmo aqui ao lado. E não subas ao quarto dele.

Expliquei o “engano” ao Sr. Do. O Ricardo pegou nas malas dele, que entregou a um empregado que as transportou para o Hotel Tivoli Jardim.

Os meus cinco amigos seguiram-nos. Os asiáticos não.

Chegamos ao Hotel Tivoli Jardim e o Sr. Do entregou as malas a outro empregado, que lhas levou ao quarto. Ele voltou a insistir que analisasemos as amostras no quarto. Recusei.

O Sr. Do foi, sozinho, buscar as amostras.

O Ricardo disse-me então estas palavras:

“Miguel, hoje tás totalmente seguro, mas amanhã podes não estar. Vais retirar o livro e fazer tudo o que eles te pedirem. Ou não contas mais connosco. Fez uma pausa, e acrescentou: “Ordens do Gabinete do 1º Ministro”.

Fiquei boquiaberto, mas não tive tempo de reflectir. O Sr. Do voltara com um sacão cheio de amostras, que começou a colocar na mesa. Um grupo de meia dúzia de asiáticos chegou e sentaram-se na mesa ao lado. Não eram os mesmos que haviam ficado no Hotel Tivoli.

“Antes de entrarmos em mais detalhes, julgo que é necessário que saiba uma coisa”, disse eu. Tenho alguns problemas com as autoridades vietnamitas por causa de um livro que escrevi. Temo que esses problemas interfiram ou tornem impossíveis os nossos negócios. Quero assegurá-lo de uma coisa. Vou de imediato retirar o livro de circulação, e farei o que me for possível para remediar esta situação.”

Os olhos do Sr. Do brilharam de satisfação.

“Vejo que é um homem extremamente inteligente e sensato. Tenho a certeza que os nossos negócios vão correr bem.”

De repente, um asiático entrou no hotel e correu em direcção à nossa mesa. O Ricardo levantou-se, e interceptou-o. O homem voltou a sair e apanhou um táxi..

Segundo o Ricardo, o S.I.S. detectou um total de 20 agentes vietnamitas, um total de 17 homens (excluindo o Sr. Do), e três mulheres. Alguns utilizavam um carro da Embaixada Vietnamita em Paris. O Governo fez um protesto diplomático “informal”, e os vietnamitas retiraram-se.

IV- Tiroteio em Saigão

(International Herald Tribune de Quinta-feira,15 de Janeiro de 1998)
Líder militar abatido a tiro em tribunal Vietnamita.
Página:4

"Hanói: Um militar de alta patente foi abatido a tiro na sala de audiências do tribunal de Ho Chi Minh, de acordo com a reportagem de um jornal estadual, na passada quarta-feira.
O Coronel Vo Van Trung foi abatido a curta distância, na passada terça-feira, por um subordinado seu, o Tenente-Coronel Nguyen Quang Thai, de acordo com o jornal Tanh Nien. O Coronel Thai, alegadamente teria disparado sobre outro colega, que ficou gravemente ferido. Não é claro se decorria algum julgamento na altura.
A polícia militar cercou o tribunal de Ho Chi Minh, afim de terminar o drama. Foi então que o Sr. Tenente-Coronel Nguyen Quang Thai deu um tiro na cabeça, vindo a morrer mais tarde. Uma fonte no local disse que o motivo do tiroteio ainda não estava clarificado, mas acrescentou que a situação nas zonas militares do Vietnam, que circundam a cidade de Ho Chi Minh, e as províncias mais próximas, tornara-se "complexa", devido a mudanças do ao mais alto nível da hierarquia militar."

Creio que o que realmente se passou foi que o Tenente-Coronel Thai e os seus subordinados foram acusados de "abuso de poder", e de tráfico de drogas pelo Coronel Vo, que lhes tinha transmitido ordens provindas do General Than. Sabendo que para tais acções aplica-se a pena de morte, eles tentaram escapar, por essa razão a polícia cercou o tribunal de Ho Chi Minh.

Aparentemente, o protesto diplomático "informal" surtira efeito.

VIII – AS HIENAS PROCURAM VINGAR-SE

Continuei as negociações com o Sr. Do. Era parte do nosso acordo, e eu ainda acreditava no nosso negócio de exportação. Criei um site especificamente desenhado para publicitar os produtos da Leaprodexim, e inclusivamente recebi algumas encomendas.

Durante umas semanas, tudo parecia correr bem, até eu receber um e-mail da Impetus Trading, uma companhia que manufacturava produtos similares, no Paquistão. Esta oferecia exactamente os mesmos produtos, mas a preços mais baixos. No entanto, esta revenda era invulgar. Os fornecedores habitualmente não vendem a outros fornecedores. Senti o cheiro do perigo no ar.

Visitei o Web site deles, e notei que era o utilizador número 2! Alguém tinha criado a página e confirmado a sua existência. Eu tinha sido a única pessoa contactada. Informei o S.I.S., mas não dei qualquer resposta.

Fui depois contactado por várias outras firmas com ofertas de produtos semelhantes. Continuei sem dar resposta.

Depois recebi o seguinte e-mail:

Assunto:
Informação
Data:
Segunda, 11 de Maio, de 1998 23:09:43 +0100
De: “E.L.” <allstone@indigo.ie>
Organização:
Allstone
Para:
miguel.pereira@nca.pt

Estou interessado em comprar propriedades rurais ou urbanas, em Portugal. Seria possível o Sr. enviar-me todos os detalhes que disponha acerca de todas as propriedades que tenham mais de 1 M Libras Esterlinas?

PS. Por favor, envie detalhes da sua empresa, pois encontrei o seu nome numa lista de mailing e não tenho mais informações, isto é, o nome da empresa, morada, o número de fax,......etc.

Agradecimentos.

Eu estava efectivamente envolvido no ramo imobiliário, mas tinha a certeza de que o meu nome não constava de nenhuma lista de mailing e podia nitidamente ver a maquinação e a armadilha por detrás disto.

A minha resposta foi que me encontrava ausente durante um período indeterminado e que o contactaria após a minha chegada.

Fui mantendo o Ricardo ao corrente. Disse-me que não me preocupasse, e aproveitou para me pedir os empréstimos. Disse que me podia colocar sob protecção "não oficial", nas que a mesma teria de ser paga. Só preciso da licença de uso e porte de arma, retorqui.

Não ta podemos dar. Requere-a pelas vias normais, e não menciones os acontecimentos relativos aos vietnamitas.

-Porquê?", indaguei.

"Foi tudo apagado", respondeu-me.

Arranjas-me uma na candonga?

Arranjo. 100 contos, calibre 6,35, serve-te?

Serve." Entreguei-lhe o dinheiro.

No dia seguinte entregou-me uma pistola completamente "marrada".

Percebi que não podia contar mais com eles. Decidi fazer "bluff".

Enviei então o seguinte e-mail:

Caro El,
Devido a circunstâncias inesperadas, tive de regressar a Portugal. Estarei por cá até finais de Julho. Encontrei algumas propriedades que podem interessar-lhe. Se ainda estiver interessado, por favor, informe-me.

Sinceramente,

Miguel Pereira.

Ao mesmo tempo, enviei o seguinte e-mail para alguns endereços no Sul do Vietnam:

Assunto:
OS TIGRES DE SAIGÃO
Data:
Terça, 09 de Junho de 1998 10:22:35 +0200
De:
Miguel Pereira <miguel.pereira@nca.pt>
Para:
luong@netnam.org.vn (e outros)

Caros amigos,

O S.I.S. informou-me de que, não obstante a retirada do meu livro, e a minha total abstenção em assuntos de natureza política do Vietnam, oficiais militares do vosso país contrataram assassinos a soldo para me localizar, obviamente com propósitos nada amigáveis.

No minha conversa com o Sr. Do Than Hong, eu comprometi-me a, dentro do contexto das relações amigáveis, a retirar o livro "Os Tigres de Saigão", e não me manifestar nem me envolver em questões de âmbito político referente ao vosso país. Obviamente, estes desenvolvimentos alteram a situação por completo.

Irei agora fazer o seguinte, dentro dos seguintes prazos:

1- Tornar a publicar "os Tigres de Saigão" num prazo de 15 dias;

2- Vender os direitos de autor tanto dos "Tigres de Saigão" como de "Entrada nas Áreas Restritas" a uma editora americana que se mostrou interessada no livro;

3-Enviar uma Segunda "Carta aberta" ao vosso Governo, explicando as razões destas medidas, em 30 dias;

4- Vender os copyrights para um filme baseado nesta história. Os contactos foram já iniciados anteriormente, e suspensos após, o meu encontro com o Sr. Do.

Envio esta carta como sendo correio de carácter privado. Mas, na ausência de resposta num prazo de 15 dias, todas as minhas comunicações passadas e futuras convosco, serão tornadas públicas, com cópias enviadas para a imprensa, políticos europeus, membros da imprensa e para organismos Não-Governamentais, tais como a Amnistia Internacional, a Sooros Foundation

(interessada em fazer um documentário sobre os Direitos Humanos no Vietnam), a “Associação para um Vietnam Livre”, assim como outras.

Espero que este assunto possa ser resolvido de forma amigável, mas há algo que espero que compreendam: Quando se encurrala um tigre, ele luta.

Cumprimentos,

Miguel Pereira.

PS: Vários advogados, estão de posse de procurações que lhes permitem autorizar a cedência e a utilização dos meus copyrights. Não entendo o que vocês ganhariam em raptar-me, ou matar-me. Vocês estariam a dar um tiro no vosso próprio pé.

Minutos depois, recebi um e-mail em branco, do pretenso “comprador”. Ele nunca mais voltou a contactar-me.

A verdadeira resposta veio, enviada por uma firma paquistanesa com a qual eu tinha estado em contacto, respeitante a artigos desportivos.

Assunto:
Facas
Data: Segunda, 06 de Julho de 1998 13:07:17 +0200
Para: Miguel Pereira <miguel pereira@nca.pt>

Enviado poor:
vivify<vivify@space.net.pk>
Referências:
vivify escreveu:

Caros senhores,

Esperamos que se encontrem bem e que o vosso negócio esteja em franca expansão.
Convidamo-los a prestarem a vossa atenção para a nossa oferta de fornecimento de **FACAS PARA TODOS OS PROPÓSITOS CONCEBÍVEIS.**
Temos pena que, até ao presente momento, não tenhamos recebido qualquer resposta mas esperamos que a nossa oferta esteja a ser activamente considerada, e que obtenhamos uma resposta breve.

Gostaríamos de mencionar que somos produtores genuínos e que estamos a suprir os fornecedores do mercado local, assim como os nossos clientes estrangeiros. Os nossos clientes dependem da nossa qualidade, e confiam nos nossos compromissos.

Temos todo o interesse em trabalhar com a vossa estimada companhia, e pedimos que tenha a gentileza de nos dar uma oportunidade, e nós asseguramos-lhe plena satisfação a todos os níveis.

Agradecendo-lhe a atenção dispensada, e assegurando a nossa melhor colaboração, esperamos ansiosamente uma resposta positiva da sua parte, através de fax ou de e-mail.

Os melhores cumprimentos, / M. ASGHAR SHEIKH

Eu respondi:
Facas são objectos interessantes. Podem ser utilizadas para propósitos de todos os géneros. Podem ser utilizadas para intimidar. Podem ser usadas para desfigurar, torturar ou matar.
Podem inclusivamente ser usadas para outros fins, tais como arranjar conflitos ou criar notícias. Lembro-me de há uns meses um jornalista da Associeted Press me dizer: “Não se preocupe: Se houver sangue, haverá notícia”.

O seu comentário em nada me tranquilizou, por isso, decidi ter a sensatez de tentar evitar facas. No entanto, devido à vossa insistência, estou disposto a adquirir uma. Por favor, informem-me do tipo de facas em que vocês se especializam.

Se a vossa especialidade são facas para intimidação, não é necessário enviarem-me nenhuma, porque eu já recebi a mensagem, e na ausência de provocações ou de acidentes, vou manter uma discrição tal como tenho mantido até agora, ao receber a vossa generosa proposta de negócios.

Se a vossa especialização for de outro tipo de facas, por favor, deixem-me saber.

Cumprimentos,

Miguel Pereira.

Também recebi uma resposta do David Nguyen: Ele tinha enviado anteriormente um e-mail que volto a reproduzir:

Caro Sr. Pereira:

Li o seu romance com um grande desapontamento. Este “romance” não passa de um monte de lixo. Eu acho que você sofre de algum tipo de doença mental. O conselho que eu lhe dou é de consultar um psiquiatra o mais rapidamente possível.

Sou uma das pessoas que partiram de barco, mencionadas no seu “romance”, e já voltei a Saigão duas vezes desde que parti, há vinte e dois anos. Viajei para as partes do país incluindo as terras-altas, e contactei muita gente, inclusivamente os miúdos da rua. O que você descreveu no seu “romance” só existe na sua imaginação doentia.

Você precisa de tratamento psiquiátrico, mais vale agora do que quando for tarde demais.

Desta vez o texto era ligeiramente diferente:

Caro Sr. Pereira,

Quando lhe enviei o e-mail (acima), eu trabalhava na Austrália-Vietnam Forum, e senti-me na obrigação de oferecer-lhe o meu ponto de vista. Lamento profundamente se o ofendi de alguma maneira. Você pode publicar o seu livro. Está no seu direito. No entanto, agora que não trabalho no fórum, **não estou envolvido nos subsequentes desenvolvimentos e nada quero ter a ver com os mesmos**.

Cumprimentos,

David Nguyen

A Vivify insistiu:

Data:
Segunda,20 de Abril, de 1998
De:
QAISER PERVEZ <qaiser@sp.net.pk>
Organização:
Para: Miguel.pereira@imagine.pt
Assunto:
FACAS
Data:
Segunda, 17 de Setembro, 1998
De: Vivify International

Para:
Miguel.pereira@imagine.pt

Caro Senhor

Espero que estejam bem e que o vosso negócio esteja a prosperar.

Convidamo-los a prestarem a vossa atenção ao nosso E.mail datado de 29/6/98, referente à nossa oferta para fornecer todo o tipo de facas (de caça, borboleta, de bolso, ponta-em-mola, de cozinha, puma, etc.)
Temos pena de, até à data não termos tido resposta, mas esperamos que a nossa oferta esteja a ser considerada atentamente, e que nos escrevam com os vossos pedidos de amostras, preços, ou quaisquer outras informações. Todas as perguntas terão toda a nossa atenção.

Podemos assegurar que somos fabricantes legítimos, e competimos em preço, e qualidade das nossas linhas e projectos. Estamos a produzir uma enorme variedade de facas, e os traços gerais e aparência podem ser vistos no nossa Website.

Asseguramo-vos de que temos a capacidade financeira de ir de encontro das vossas necessidades, sejam elas grandes ou pequenas.

Acreditamos que a proximidade física das nossas facas vos farão entender melhor as suas potenciais utilizações. Tomámos por isso a liberdade de enviar algumas amostras.

Cumprimentos,

Sheikh Mubbash

II- PRECAUÇÕES

Tive um ou dois dias (foi esse o tempo que calculei que eles levassem a chegar a Lisboa) para me preparar para o que me esperava. Mesmo durante este breve período, o perigo espreitava. A embaixada do Vietname mais próxima ficava em Paris: a duas horas de voo de Lisboa.

A minha primeira tarefa foi remover de casa toda e qualquer informação potencialmente relevante e substitui-la por dados inócuos e desorientadores. O primeiro passo dos meus pretensos captores seria, muito provavelmente, revistar a minha casa e o meu computador. Demorei algumas horas a apagar ficheiros comprometedores e muitas horas a alterar outros. Ao introduzir informações falsas poderia induzir em erro os meus captores e até controlar os seus movimentos. Deixei várias pistas e moradas que foram muito úteis mais tarde. Demorei mais do que esperava. Inundado em transpiração à medida que as horas passavam, perguntei-me se não seria mais fácil remover o meu computador. No entanto, achei que deveria arriscar.

Dediquei-me, depois, aos meus outros documentos: cartas, contas, fotografias, etc.… Tinha de criar um equilíbrio: retirar o essencial ao mesmo tempo que fazia parecer que tinha sido apanhado desprevenido. Tinha de memorizar o que deixava para trás. Não foi fácil.

Sair de casa foi um alívio. Pelo menos iria poder dormir sem medo. Porém, os meus contactos de negócios no Vietname tinham o número de telefone do meu escritório. Provavelmente, os meus captores também. Não me encontrando em casa, seguiriam para lá. Deveria eu abandonar as minhas actividades profissionais? Por quanto tempo? Afinal de contas, eu nem tinha a certeza de que a ameaça era real.

Repeti a «limpeza» da minha casa no escritório. Apaguei e alterei ficheiros para de alguma maneira controlar a estratégia dos meus captores. Quando terminei, tomei uma decisão. A minha vida profissional continuaria sem perturbação. Iria para o escritório todos os dias como de costume. Seria lá que os meus captores me encontrariam. O local não era próprio para uma tentativa de captura: um grande complexo de escritórios com várias entradas e seguranças (desarmados). Se conseguisse fazer com que eles se

sentissem suficientemente confiantes em me apanharem desprevenido em qualquer outro local, o escritório parecia seguro.

Decidi dormir em casa de uma amiga. Não a via há anos, por isso achei que era seguro. Tinha também a vantagem de não ser nem demasiado perto nem demasiado longe do meu escritório. E, claro, esperava passar alguns momentos agradáveis. Além disso, este passo foi-me útil. Era tarde e sentia-me exausto. Combinámos encontrar-nos e tomar uma bebida para que eu pudesse explicar a situação. Não me lembro ao certo do que se passou nessa noite. Ficámos a beber até tarde e ela levou-me para casa. Parecia muito divertida com o que me estava a acontecer.

Acordei de madrugada. Tinha uma série de medidas a tomar. Fiz uma queixa na polícia. Não tinha ilusões quanto à possibilidade de esta resolver o problema, mas valia a pena tentar. Ao contrário do que esperava, teve utilidade mais tarde, e de uma forma que eu não podia imaginar na altura. Depositei as minhas esperanças no S.I.S.. Pareciam-me as pessoas mais indicadas para lidar com a questão. Telefonei às várias pessoas que conhecia que estariam ligadas à agência. Perguntei-lhes se conheciam alguém do S.I.S.. Pedi para entrar em contacto com um agente de alta patente. De todas as frentes, a resposta foi a mesma: a identidade dos agentes é secreta. Disseram-me para entrar em contacto com a sede da agência, o que fiz. Disseram-me que vigiariam os acontecimentos e aconselharam-me a tomar precauções.

Estava de volta à estaca zero. No entanto, isto servira para corroborar a minha confiança na eficácia do S.I.S.. Dediquei os dias seguintes a tentar entrar em contacto com um agente de alta patente. Também iria precisar de uma arma. Mas em Portugal, para se ter uma arma é preciso uma licença. Obter uma licença de porte é um processo demorado que costuma levar um ano e geralmente é recusado no final. Tive esperança de que o S.I.S. me ajudasse nesse aspecto, mas não o fizeram. Por agora teria de andar desarmado.

III – PRIMEIROS CONTACTOS

Na manhã seguinte cheguei ao escritório por volta das onze horas. Na zona central da entrada há um café. Quando entrei no edifício, reparei numa rapariga asiática que bebia um café. Em todo o complexo não trabalhava uma única rapariga asiática.

Do sítio onde estava sentada podia controlar quem entrava. Olhou fixamente para mim quando eu entrei. Eu retribuí o olhar. Depois ficou a olhar para a chávena. Dirigi-me directamente a ela e perguntei-lhe se podia sentar-me. Ela assentiu. Perguntei de onde era.

- Sul de Banguecoque – respondeu.

- Conheço muito bem a cidade de Banguecoque. Pode entregar uma mensagem a uma pessoa quando estiver de volta?

- Não – disse ela. Pegou na mala e tirou o telemóvel. Agarrei-lhe o braço com cuidado, mas de maneira a que não fugisse.

- Khun phen khon suay! – disse-lhe.

- Desculpe? – indagou ela.

Eu estava a falar tailandês. O que lhe disse traduz-se por «És uma rapariga muito bonita. Até logo».

Dirigi-me para o elevador, carreguei em todos os botões, saí no quinto andar, telefonei a um dos meus colegas e pedi-lhe que viesse ter comigo. Ele estava a par da minha situação e chegou alguns segundos mais tarde. Pedi-lhe para me emprestar o carro e para levar o meu. Tinha cometido o erro de andar com o meu próprio carro. Agora era um veículo inseguro. É muito simples colocar um dispositivo de localização num carro. Permite detectar as movimentações exactas. Tinha escorregado, mas fora uma escorregadela pequena.

Fomos para a cave e, para nosso alívio, não havia asiáticos por perto. Agradeci ao meu amigo e despedi-me. Quando passei pelo meu carro, vi três homens a conversar perto dele. Apenas os vi de costas e não estava com disposição para investigar a sua origem étnica. De uma coisa estava certo: os vietnamitas fariam tudo por sua conta. Eram suficientemente presunçosos e estúpidos para tal. Além disso, estavam em território inimigo onde não tinham contactos. Isso colocava-me em vantagem.

Por momentos pensei em cortar ou pintar o cabelo, ou talvez deixar crescer a barba para esconder as cicatrizes denunciadoras na minha face direita. Pus logo a ideia de lado. Não condiz comigo.

Dirigi-me de imediato para uma embaixada onde pedi para falar com o chefe de segurança amigo de um meu amigo. Após alguns minutos, fui recebido e expliquei a minha situação. O homem foi muito compreensivo e fez-me algumas sugestões muito úteis:

- Não envie *e-mails*, telefones ou faxes. Comunique apenas por carta e através de envelopes dos clientes habituais.
Deu-me uma senha e disse:
- Use-a em caso de emergência se quiser falar comigo. Senão, use esta morada.
Deu-me a morada de uma grande empresa multinacional e alguns envelopes com o logótipo de outra empresa.
- Tem de entrar em contacto com o S.I.S. e com a polícia. Tente jogar pelo seguro.

Agradeci-lhe e sai.

- Mantenha-me informado – disse ele.

Depois de almoço fui à Associated Press, onde o Sr. Kryllic me recebeu. Expliquei-lhe a minha situação. Ele mostrou-se interessado e quis o livro, os *e-mails*, os nomes de testemunhas, etc. Fiz-lhe entender que não queria relatar nada, que queria manter outras hipóteses em aberto. Que o meu advogado tinha toda a documentação e que lha enviaria se algo me acontecesse. Caso contrário, voltaria a telefonar-lhe. Ele compreendeu. Quando me levantei para sair, disse:

- Não se preocupe. Se houver sangue, há notícia.
Eu não achei a ideia muito consoladora.

Fiz o mesmo com um jornalista português de renome, um amigo em quem senti que podia confiar. Mais uma vez, pedi para não publicar nada até que eu lhe desse sinal.

Na altura não me apercebi, mas cometera um enorme erro.

Como estava a precisar de descanso, fui para uma praia distante. Aluguei um quarto numa casa de família privada. Estava seguro, mas a minha situação era insuportável. Não podia andar fugido para sempre. Porém, o tempo estava do meu lado. Os meus textos ainda estavam na Internet. Era fácil entrar em contacto com o S.I.S.. As minhas férias foram, de certo modo, divertidas. Senti-me poderoso, a minha libido estava fortalecida, cada hora que passava equivalia a uma vitória sobre os meus adversários. Estava a enfrentar o que era, provavelmente, uma das mais organizadas e poderosas máfias do mundo sem ajuda de ninguém. E tinha capacidade para o fazer. Senti-me orgulhoso.

Apenas uma coisa me desmoralizava. Nem um só vietnamita do «Fórum de Discussão Australiano-Vietnamita», onde tinham sido apresentados os meus trabalhos, havia expressado o seu apoio ou qualquer espécie de encorajamento. Após alguma ponderação, concluí que, mesmo que o tivessem feito, os *e-mails* já teriam sido lidos pelos meus «amigos» vietnamitas. Compreendi o seu receio, mas não podia deixar de me sentir desapontado.

III – INTERLÚDIO

A minha estadia na praia foi breve e tranquila. Adquiri um novo telemóvel com um novo número que apenas utilizei para entrar em contacto com alguns amigos. Pedi-lhes que fossem a minha casa buscar o

computador. A minha intenção era fazer com que os meus captores acreditassem ainda mais na informação errada que haviam recolhido. Mais tarde perguntei aos meus amigos se tinham reparado em alguma coisa suspeita em minha casa. Não tinham.

Uns dias depois, decidi voltar a Lisboa. Mas primeiro tinha de arranjar uma arma. Demorei vários dias à procura de uma no mercado negro. A maioria estava inutilizável devido a gatilhos encravados ou a outros defeitos no mecanismo. Descobri duas que funcionavam, mas não tinha as munições adequadas (ambas tinham ainda algumas balas no canhão). Nem sequer as podia experimentar. E as balas daquele calibre não eram fáceis de encontrar. Transmiti uma mensagem aos meus amigos: «Arranjem-me uma arma.» A outros enviei um pedido diferente: «Arranjem maneira de eu entrar em contacto com o S.I.S. – com urgência.»

Usei um telemóvel, contrariamente ao que me fora aconselhado. Mas interceptar comunicações feitas por telemóvel era certamente uma habilidade que os meus captores não poderiam e momento executar.

Estava a caminho de Lisboa quando recebi um telefonema de uma amiga. Conhecíamo-nos há vários anos, ao longo dos quais tínhamos tido alguns relacionamentos.

- Temos de falar. Sei o que se passa e posso ajudar-te.

IV – PRIMEIRA AJUDA DOS MEUS AMIGOS

Chamava-se Isabel. Conheci-a havia já muito tempo. Encontrámo-nos num café. Ela prometeu entrar em contacto com alguém que conhecia no S.I.S.. Emprestou-me uma arma que recebera através de uma migo comum.

Fui apresentado ao Ricardo, um operacional do S.I.S.. Expliquei-lhe a minha situação. Ele obviamente não me levou a sério.

- Você precisa é de dois cães de guarda – disse. – Eu posso ser um e arranjar-lhe outro. Não tem com que se preocupar.

Percebi de imediato que teria de encontrar uma maneira de convencer o S.I.S. da gravidade da situação e que tal não era possível de momento.

O objectivo do Ricardo era claramente sugar tanto dinheiro quanto pudesse. Os dois «cães de guarda» 24 horas por dia iriam custar-me uma pequena fortuna durante um período indeterminado de tempo e não estariam com certeza à altura das hienas que me perseguiam. A história acabaria com dois cães mortos e um Tigre capturado. Não podia permitir que tal acontecesse. Afinal de contas, o tempo estava do meu lado. O livro estava na Internet. Os meus captores não conseguiriam encontrar-me. E tinha uma arma. Despedi-me do Ricardo, pedindo-lhe que investigasse e dizendo-lhe que em breve entraria em contacto com ele. Levei a Isabel a casa no meu carro emprestado e fui para uma estância espanhola. Decidi comprar um telemóvel em segunda mão e desactivar o actual.

PARTE III – ENTRA EM CENA O S.I.S.

Enquanto escrevo, tendo uma arma na secretária e dois amigos de vigia, tomo as medidas necessárias e perigosas para pôr fim ao genocídio continuado que ocorre nas «Áreas Restritas» do sul do Vietname.

Por que motivo escrevo agora, alguns anos após ter publicado (e retirado de circulação) a Parte I de *Tigers of Saigon*? Por duas simples razões. Nos últimos meses, uma série de pessoas de minorias étnicas conseguiu fugir das «Áreas Restritas». Além disso, há uma nova lei belga que autoriza a investigação de acusações de genocídio onde quer que este ocorra.

Por outras palavras, agora tenho testemunhas que podem (e já o fizeram) corroborar os meus relatos; tenho também os meios legais para iniciar uma investigação com base nas minhas acusações. O governo vietnamita não vai poder ignorar as minhas acusações por mais tempo. Em breve, espero, serão informados por um advogado belga de que está a decorrer uma Investigação de Genocídio. Espero que compreendam que, se não investigarem e puserem fim a este genocídio, eles próprios serão considerados responsáveis. Assim dita a lei que classifica «a prática da violação sistemática de mulheres de minorias étnicas» como genocídio e que responsabiliza os agentes de alta patente que, «tendo motivos para suspeitar ou acreditar que algo se passa» nada façam para o evitar.

Mas porque retirei eu o livro *TheTigers of Saigon*? Foi um acto de cobardia? Talvez, em certa medida. Porém, olhando para trás, penso que fiz o que devia. Mas voltemos ao que interessa.

I – ERRO VIETNAMITA POR TELEFONE

Fui a uma loja da operadora telefónica portuguesa Telecel com o intuito de adquirir um novo telemóvel. Quando lá estava, o meu actual telefone tocou. Apareceu um número no visor. Reparei que tinha sete algarismos. Portugal é um país pequeno. Nunca tinha recebido ou efectuado, nem sequer ouvido falar, de um número da Telecel com sete algarismos. O meu telefone só tocou uma vez. Não era um número anónimo. Liguei-lhe de volta. Ninguém atendeu. Enquanto comprava um novo telemóvel, expliquei o que havia acontecido à vendedora.

- Temos criado números de telefone de sete algarismos nas últimas semanas. Isso significa que quem lhe telefonou adquiriu o telefone recentemente. Pelo que me contou essa pessoa devia querer memorizar o seu número na agenda. Acontece com alguma frequência. Se quisesse falar consigo, teria deixado tocar durante mais tempo e/ou atendido a sua chamada.

- Pode identificar o proprietário?

- Sim. Só um instante. Nguyen Thai.

Agradeci à vendedora, comprei o telemóvel e telefonei ao Ricardo do telefone que já tinha.

- Alguma novidade? – perguntei.

- Não notámos nada de estranho por aqui. Está tudo tranquilo. Onde está?

- De férias. Ponha este número de telefone sob vigilância. Pertence a um senhor Nguyen Thai.

- Merda! Como é que arranjou este número?

Eu expliquei.

- Vamos verificar. Não se preocupe. Vou mantê-lo informado. Tenha umas boas férias. Bem precisa. – e desligámos.

II

Dirigi-me à Isla Cristina, uma estância de férias no sul de Espanha do outro lado da fronteira com Portugal. Decidi abandonar o país para que ninguém em Portugal pudesse localizar-me através do telemóvel. Estava na altura de reflectir. Decidi que ia esperar, até pensei em arranjar um emprego algures na Europa. Já não tinha quaisquer ilusões de poder ajudar o meu amigo. O mínimo que podia fazer era dar a conhecer a situação ao mundo. Por outras palavras, publicar o meu livro sob forma não virtual. Entrei em contacto com várias editoras dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha e recebi respostas favoráveis.

Mantive o contacto com o meu escritório através do meu novo telemóvel, mas tive sempre o cuidado de fazer as chamadas de Portugal para que ninguém pudesse descobrir o meu paradeiro.

Estava prestes a publicar o meu livro quando, numa das chamadas para o meu escritório, me foi dito que chegara um fax do Vietname. Fora enviado por uma empresa chamada Leaprodexim, em Hanoi, com a qual eu tinha anteriormente negociado a importação de bolas de futebol e de outros artigos desportivos. No fax constava que o senhor Do Than Hong, presidente do Departamento de Exportações da Leaprodexim. Estaria de visita à Europa para se reunir com alguns clientes e estava disposto a visitar-me em Lisboa.

Eu conheço bem a empresa Leaprodexim e esta não tinha nenhum «Departamento de Exportações». Percebi de imediato o que se passava. Não tendo conseguido localizar-me, os meus pretensos captores arranjaram um estratagema. Os gestores da Leaprodexim haviam sido postos sob «Detenção Administrativa» e os militares Vietnamitas tentavam apanhar-me através dos telefones, faxes e colaboradores da empresa. Pensei em telefonar à Leaprodexim e pedir para falar com o presidente, o senhor Pham, ou com o seu assistente, Toan. Após ter reflectido sobre o assunto, não vi nenhuma utilidade nisso. Ter-me-iam dito que estavam ambos de férias, ou algo do género, e os meus pretensos captores iriam perceber que eu não tinha caído na armadilha. Pareceu-me melhor aceitar ingenuamente o convite. Estava na altura de regressar a Lisboa.

III – ENCONTRO COM O SENHOR DO

Voltei para Lisboa e encontrei-me com o Ricardo.
Expliquei o que se passava. E disse-lhe que precisava de protecção.
- Já recebemos ordens «de cima» para o proteger. Estaremos por perto. Mande uma *limousine* ir buscá-lo. O motorista será «um dos nossos». Recomendo que fique em casa sob minha protecção até ele chegar. Não vá à rua sozinho, não vá além desta zona (Almada). Arranje forma de o senhor Do fazer uma reserva no Hotel Tivoli.

O Hotel Tivoli é um hotel de cinco estrelas situado num beco sem saída. Qualquer tentativa de captura seria facilmente contrariada.

Passei os três dias seguintes com o Ricardo e os seus companheiros. Eles acolheram-me e protegeram-me. Foi enviada uma *limousine* para o senhor Do.

Chegámos ao Hotel Tivoli em três carros, antes de o senhor Do chegar. Creio que os outros dois carros estavam cheios de forças de segurança de elite (Brigada Anti-Banditismo). Quando chegámos, dois deles colocaram-se no telhado do hotel. Os outros espalharam-se. Foram postos aparelhos de escuta e câmaras de vídeo em locais estratégicos.

Uma vez que não confiava inteiramente no S.I.S., tomei medidas para que cinco amigos meus estivessem no hotel com armas.

Informei o Mota, o agente no comando das operações, da presença deles. Eu e o Ricardo fomos ao bar e pedimos umas bebidas (na altura não sabia, mas o empregado tinha sido substituído por um agente do S.I.S.). O senhor Do chegou passado pouco tempo, com as malas cheias de bolas de futebol, sapatos de ténis, etc.…

Fui até à recepção para o receber. Aos poucos, entraram doze vietnamitas em grupos de três ou de quatro. Enquanto falava com o senhor Do, chegou um carro de polícia que bloqueou, ou melhor, controlou o trânsito no cruzamento que conduzia ao hotel.

Eu e o senhor Do sentámo-nos numa mesa no *hall* de entrada. O Ricardo também se sentou. O senhor disse que trazia várias amostras e perguntou se eu me importava que ele mas mostrasse no seu quarto. Eu aceitei, mas o Ricardo interveio:

- Não vai sair deste *hall* - disse, em português.

O senhor Do foi sozinho buscar as amostras.

De repente, um vietnamita entrou no hotel e dirigiu-se a correr para a nossa mesa. O Ricardo levantou-se e ofereceu-lhe um pontapé de karaté em cheio no estômago. O homem caiu no chão, levantou-se, apanhou um táxi e foi-se embora. Os meus cinco amigos levantaram-se, assim como os catorze vietnamitas. O Mota, que tinha estado presente juntamente com quatro elementos da unidade anti-terrorista, veio falar comigo e depois com cada um desses quatro elementos (que estavam em locais distintos). Tudo estava calmo aquando do regresso do senhor Do. A maioria dos vietnamitas tinha abandonado o hotel.

Estes encontros foram filmados. O S.I.S. detectou a presença de vinte agentes vietnamitas, num total de dezassete homens (sem contar com o senhor Do) e três mulheres. Alguns tinham utilizado um carro diplomático da Embaixada do Vietname em Paris. Isto originou um protesto diplomático «informal»
Os vietnamitas bateram em retirada.

IV – PROBLEMAS EM SAIGÃO

Iternational Herald Tribune of
Quinta-feira, 15 de Janeiro de 1998
Líder Militar Abatido em Tribunal Vietnamita

Página 4

HANOI: Um agente de alta patente militar foi abatido a tiro num tribunal marcial no sul do Vietname, relatou na Quarta-feira um jornal do estado.
Segundo o jornal Thanh Nien, o coronel Vo Van Trung foi baleado de perto por um subalterno, o tenente-coronel Nguyen Quang Thai, na Terça-feira. O tenente Thai terá, depois, baleado um outro colega, o qual ficou gravemente ferido. Não ficou claro se estava ou não a decorrer um julgamento na altura. O jornal falava de uma pequena intervenção militar que teve lugar quando a polícia cercou o tribunal da cidade de Ho Chi Minh para pôr fim à situação. O senhor Thai acabou por dar um tiro no crânio, informa o jornal. Morreu algum tempo depois. Uma fonte diz que o motivo do tiroteio não é conhecido, mas acrescenta que a situação na zona militar do Vietname, que engloba Ho Chi Minh e as províncias adjacentes, se tornou «complexa» devido a mudanças de comando nos postos mais altos. (Reuters)

O tenente-coronel Thai e os seus subalternos foram acusados de «abuso de poder» e tráfico de droga. Sabendo que a sanção é a morte, tentaram fugir. E por isso é que a polícia militar cercou o tribunal de Ho Chi Minh. Ao ver que não tinha por onde fugir, o tenente-coronel Thai suicidou-se. O tiro que disparou antes do derradeiro foi dirigido para cima, para o tecto. A sua intenção era fazer com que as pessoas percebessem que ele fora obrigado a cumprir ordens. Aparentemente do general Than, o general de patente mais elevada no sul do Vietname.

Pelos vistos, o S.I.S. tinha feito o que lhe competia. Mas o perigo estava à espreita.

AS HIENAS PROCURAM VINGANÇA

Dei início às negociações com o senhor Do. Fazia parte do nosso acordo e eu acreditava realmente nas exportações. Tudo correu muito bem. Até criei um sítio na Internet com o intuito específico de publicitar os produtos da Leaprodexim e recebi alguns pedidos de encomendas, tanto *online*, como (e sobretudo) *offline*.

Durante algumas semanas tudo parecia correr bem, até que recebi um *e-mail* da Impetus Trading, um fabricante de equipamentos semelhantes do Paquistão. Oferecia exactamente os mesmos produtos mas a

preços mais baixos. Porém, esta medida não era comum. Os fornecedores não costumam negociar com outros fornecedores. Senti o perigo novamente à espreita.

Visitei o sítio na Internet desta empresa e reparei que era o segundo visitante! Alguém tinha encomendado esta página e ido lá confirmar a sua existência. Eu tinha sido a única pessoa a ser contactada. Informei o S.I.S., mas não lhes respondi.

Fui posteriormente contactado por várias outras empresas que me apresentaram produtos semelhantes. Não lhes respondi.

Foi então que recebi o seguinte *e-mail*:

Assunto: informação
Data: Segunda-feira, 11 de Maio de 1998, 23:09:43 +0100
De: "E.L" <allstone@indigo.ie>
Organização: Allstone
Para: miguel.pereira@nca.pt

Estou interessado em adquirir uma propriedade em Portugal, rural ou de outro cariz; poderia enviar-me um *e-mail* com informação detalhada de todas as propriedades que tiver até cem libras esterlinas.
Eamon

P.S. Por favor envie pormenores da sua empresa, pois encontrei a sua morada de correio electrónico numa lista de contactos virtual e não possuo mais informações como nome de contacto, morada, número de fax, etc.

Obrigado

Eu estava em certa medida envolvido no negócio imobiliário, mas consegui descortinar o esquema por detrás das aparências. E sabia que o meu nome não constava de nenhuma lista de contactos virtual.

Respondi que estava fora do país por um período indeterminado (o que era verdade), mas que entraria em contacto quando estivesse de regresso.

Abreviei a minha estadia no estrangeiro e entrei em contacto com o S.I.S.. Fui colocado sob protecção «não oficial».

De seguida, enviei este *e-mail*:

Caro El,
Devido a circunstâncias inesperadas, tive de regressar a Portugal. Estarei cá até ao fim de Julho. Encontrei algumas propriedades que lhe podem agradar. Se ainda estiver interessado, por favor contacte-me.

Atentamente,
Miguel Pereira

Ao mesmo tempo, enviei o seguinte *e-mail* para várias moradas no sul do Vietname:

Assunto: THE TIGERS OF SAIGON
Data: Terça-feira, 9 de Junho de 1998, 10:22:35 +0200
De: Miguel Pereira <miguel.pereira@nca.pt>
Para: luong@netnam.org.vn

Estimados amigos,

O S.I.S. e a Interpol confirmaram a minha suspeita de que, apesar de ter retirado do olhar público o meu livro e de me ter abstido da política do Vietname, oficiais de alta patente do vosso país tentaram contratar assassinos para me localizar, obviamente com intenções para lá de amigáveis.

No fax que enviei ao senhor Do Than Hong, no âmbito de relações amigáveis, consenti em retirar o meu livro *The Tigers of Saigon* e abster-me de qualquer tipo de envolvimento na política do vosso país. Obviamente, os últimos acontecimentos tiram todo o sentido à expressão «relações amigáveis».

Tenciono, agora, levar a cabo os seguintes passos, dentro dos prazos estabelecidos:

1) Voltar a publicar e apresentar o livro *The Tigers of Saigon* dentro dos próximos 15 dias.
2) Vender os direitos de *The Tigers of Saigon* e *Enter the Restricted Areas* a uma editora que tinha já demonstrado interesse no primeiro livro dentro dos próximos 30 dias.
3) Enviar uma segunda carta aberta ao vosso governo, onde explico os motivos subjacentes ao meu comportamento dentro dos próximos 30 dias.
4) Vender os direitos da história para a realização de um filme. Já foram feitos contactos anteriormente, e depois suspensos após o meu encontro com o senhor Do.

Envio-vos esta carta como correio privado. No entanto, caso não receba nenhuma resposta no prazo de 15 dias, todas as minhas comunicações passadas, presentes e futuras convosco serão tornadas públicas, cópias serão enviadas para a imprensa, para políticos europeus e norte-americanos e para organizações não governamentais como a Amnistia International, o Open Society Institute, a Soros Foundation (que está interessada em produzir um documentário sobre os Direitos Humanos no Vietname), a Free Vietnam Association, entre outras. É claro que irei também entrar em contacto com o vosso governo de modo mais formal.

Espero que esta questão possa ser resolvida de forma mais amistosa. Contudo, de uma coisa devem ficar cientes: se encurralarem um tigre, ele vai ripostar.

Cordialmente,

P.S.: Tenho vários advogados com poderes para ceder os meus direitos de autor. Não compreendo o que é que podem ter a ganhar ao capturar-me ou matar-me. Seria como dar um tiro no próprio pé.

Alguns minutos depois, recebi um *e-mail* em branco do suposto «comprador». Nunca mais entrou em contacto comigo.

Recebi, então, uma carta de David Nguyen, que me havia aconselhado algum tempo atrás a fazer «um tratamento psiquiátrico o mais depressa possível». Eis o que nela constava:

Caro Senhor Pereira,
Quando o contactei por *e-mail* estava a trabalhar para o Fórum de Discussão Australiano-Vietnamita e senti-me na obrigação de partilhar o meu ponto de vista. Lamento sinceramente se o ofendi. É livre de publicar o seu livro. Está no seu direito. Porém, devo dizer-lhe que já não estou a trabalhar no Fórum e não de forma alguma envolvido com os acontecimentos que tiveram lugar, nem quero ter nada a ver com os mesmos.

Melhores cumprimentos,

David Nguyen

A resposta mais autêntica veio de uma empresa paquistanesa com a qual tinha tido algum contacto:

Assunto: Re: ADVERTÊNCIA FACAS
Data: Segunda-feira, 6 de Julho de 1998, 13:07:17 +0200
De: Miguel Pereira ‹miguel.pereira@nca.pt›
Para: vivify <vivify@space.net.pk>
Referências: 1

A empresa Vivify escreveu:

Estimados Senhores,
Esperamos que estejam bem e o vosso negócio em desenvolvimento.
Convidamo-los a considerar a nossa proposta de fornecer TODO O TIPO DE FACAS.
Lamentamos até agora não termos recebido uma resposta da vossa parte, mas esperamos que a nossa proposta esteja a ser analisada atentamente e que nos contactem em breve.
Gostaríamos de acrescentar que somos fabricantes legítimos e abastecemos tanto os fornecedores locais, como parceiros estrangeiros. Os nossos clientes confiam na qualidade e entrega atempada dos nossos produtos.
Estamos interessados a trabalhar com a vossa reputada empresa e pedimos que nos dê oportunidade e garantimos que ficarão satisfeitos a todos os níveis.
Agradecemos e garantimos a nossa cooperação. Esperamos receber uma resposta positiva através de *e-mail* ou fax.

Melhores cumprimentos/ M.ASGHAR SHEIKH

Fax: 0092-432-540387
Telefone: 0092-432-540145

Seguiram-se outros avisos:

Assunto: 2 ADVERTÊNCIA FACAS
Data: Segunda-feira, 29 de Junho de 1998, 15:50:36 +0500
De: vivify <vivify@space.net.pk>
Para: miguel.pereira@imagine.pt

Estimados Senhores,
Esperamos que estejam bem e o vosso negócio em desenvolvimento.
Convidamo-los a considerar a nossa proposta de fornecer **TODO O TIPO DE FACAS PARA QUALQUER TIPO DE UTILIZAÇÃO E SERVIÇO**..
Lamentamos até agora não termos recebido uma resposta da vossa parte, mas esperamos que a nossa proposta esteja a ser analisada atentamente e que nos contactem em breve.
Gostaríamos de acrescentar que somos fabricantes legítimos e abastecemos tanto os fornecedores locais, como parceiros estrangeiros. Os nossos clientes confiam na qualidade e entrega atempada dos nossos produtos.
Estamos interessados a trabalhar com a vossa reputada empresa e pedimos que nos dê oportunidade e garantimos que ficarão satisfeitos a todos os níveis.
Agradecemos e garantimos a nossa cooperação. Esperamos receber uma resposta positiva através de *e-mail* ou fax.

Melhores cumprimentos/ M.ASGHAR SHEIKH

Data: Segunda-feira, 20 de Abril de 1998, 10:04:24 +0500
De: QAISER PERVEZ <qaiser@sp.net.pk>
Organização:
Para: miguel.pereira@imagine.pt

Assunto: fabricantes exportadores e importadores couro, bolas de futebol e produtos têxteis catálogo
Data: Segunda-feira, 20 de Abril de 1998, 10:04:24 +0500
De: QAISER PERVEZ <
Organização: A.Q.R TRADERS . REGD

Para: miguel.pereira@imagine.pt

ESTIMADOS SENHORES,

SOMOS FABRICANTES E EXPORTADORES DOS PRODUTOS ACIMA MENCIONADOS. POR FAVOR VISITE O NOSSO SÍTIO NA INTERNET. GARANTIMOS QUE NUNCA FOI VISTO ANTES BOLAS DE FUTEBOL E CASACOS BRILHAR NO ESCURO. AGUARDAMOS OPINIÕES.

AGRADECEMOS E MELHORES UCPMIREMTNOS
QAISER PERVEZ
http://www.qaiser.com
Fabricantes e exportadores

Bem-vindo ao nosso catálogo *online*. Veja os nossos produtos. Para mais informações basta

Todo o tipo de Luvas, Casacos, Bolas de futebol, Roupa desportiva e T-shirts.

Este sítio foi concebido e promovido por SpaceNet (Todos os Direitos Reservados).

Assunto: 3 ADVERTÊNCIA FACAS
Data: Segunda-feira, 21 de Setembro de 1998, 19:43:12 +0500
De: Vivify International
Para: miguel.pereira@imagine.pt

ESTIMADOS SENHORES,

ESPERAMOS QUE ESTEJAM BEM E O VOSSO NEGÓCIO EM DESENVOLVIMENTO. CONVIDAMO-LOS A RECORDAR O NOSSO *E-MAIL* DE 29/6/98, RETOMANDO A NOSSA PROPOSTA PARA FORNECER TODO O TIPO DE FACAS (DE CAÇA, BORBOLETA, CANIVETE, DE COZINHA, NAVALHA, PUMA, ETC.).

LAMENTAMOS ATÉ AGORA NÃO TERMOS RECEBIDO UMA RESPOSTA DA VOSSA PARTE, MAS ESPERAMOS QUE A NOSSA PROPOSTA ESTEJA A SER ANALISADA ATENTAMENTE E QUE NOS CONTACTEM EM BREVE COM PEDIDOS DE AMOSTRAS, PREÇOS OU OUTRO TIPO DE INFORMAÇÕES. TODAS AS VOSSAS QUESTÕES RECEBERÃO A NOSSA ATENÇÃO.

ACRESCENTAMOS QUE SOMOS FABRICANTES LEGÍTIMOS E QUE TEMOS PREÇOS, QUALIDADE E *DESIGN* COMPETITIVOS. ESTAMOS A PRODUZIR GRANDE QUANTIDADE DE FACAS E PODE VER O SEU DESIGN NO NOSSO SÍTIO NA INTERNET.

DESFRUTAMOS DE BOA POSIÇÃO FINANCEIRA E TÉCNICA E TEMOS CAPACIDADE PARA RESPONDER ÀS SUAS EXIGÊNCIAS GRANDES OU PEQUENAS.

POR FAVOR VEJA ABAIXO OS NOSSOS PREÇOS DE ARTIGOS NA INTERNET. PREÇO POR DÚZIA

VK501	35.50
VK504	23.60
VK511	61.00
VK525	22.85
VK532	12.75
VK537	11.40
VK548	17.75

MELHORES CUMPRIMENTOS
SHEIKH MUBBASH

EU RESPONDI:

As facas são objectos interessantes. Podem ser utilizadas para vários fins. Podem ser utilizadas para intimidar. Podem ser utilizadas para magoar, torturar ou matar. Podem até ser utilizadas com outras intenções, como promover conflitos ou fazer notícias. Recordo-me de, há algum tempo, um jornalista da Associated Press me dizer: «Não se preocupe. Se houver sangue, há notícia».
Este comentário não me deixou nada sossegado, por isso decidi ter bom-senso e evitar as facas. No entanto, graças à vossa insistência, estou disposto a adquirir uma. Por favor digam-me em que tipo de faca se especializam. Se forem especialistas em facas para intimidar, não precisam de me enviar nenhuma. Já percebi o recado e, desde que não haja provocações ou incidentes, vou manter a discrição tal como fiz até ter recebido a vossa amistosa proposta de negócio.
Se forem especialistas noutro tipo de facas, informem-me.

Atentamente,
Miguel Pereira

Assunto: Re: Pedido referente a «Um Tigre do Saigão»
Data: Segunda-feira, 22 de Junho de 1998, 08:51:18 +0200
De: Miguel Pereira <miguel.pereira@nca.pt>
Para: Vern Weitzel <vern@coombs.anu.edu.au>
Referências: 1

Vern Weitzel escreveu:
>
> Por aqui, não ouvimos nada. Mas vou estar à escuta,
>
>Há uma lista recente de ministérios e moradas em:
>
>http://coombs.anu.edu.an/~vern/avsl/cabinet97.html
>
> Até à próxima, Vern

Caro Vern,

Por favor, não tomem medida alguma por agora. Algo se passa do lado vietnamita que não compreendo (todos os endereços de correio electrónico e sítios na Internet falsos cessaram actividade e as mensagens não são recebidas). Não quer dar um passo em falso. Obrigado por tudo.

Assunto: Conversa de negócios
Data: Segunda-feira, 20 de Outubro de 1997, 19:45:15 +0500
De: Impetus Tradings <orientgp@brai.net.pk>
Para: miguel.pereira@nca.pt

Webmaster
Assunto: Re: 3 ADVERTÊNCIA FACAS
Data: Quarta-feira, 23 de Setembro de 1998, 12:53:29 +0200
De: Miguel Pereira <miguel.pereira@nca.pt>
Para: Vivify International vivify@skt.comsas.pk
Referências: 1

A Vivify International escerevu:

>
> ESTIMADOS SENHORES
>
> ESPERAMOS QUE ESTEJAM BEM E O VOSSO NEGÓCIO EM DESENVOLVIMENTO.

>
> Vivify International,

Caros Senhores,

Tenho apenas algumas palavras a acrescentar à minha anterior resposta:

1) Não tive nenhuma espécie de contacto com a Franklyn Associates no que diz respeito ao Vietname

2) Há muito que tenho conhecimento dos vossos receios perante a possibilidade de eu prejudicar os vossos interesses sem que se apercebam. Foi por isso que eu cheguei mesmo a sugerir que me enviassem um «assistente» para dirigir as negociações com a Leaprodexim. Tinha esperança de que, se este «assistente» vos relatasse a força das minhas defesas, o meu verdadeiro estado de espírito e intenções, bem como o meu desejo de não vos prejudicar de forma alguma, pudéssemos encontrar uma solução sensata. Infelizmente, a minha proposta foi recusada, o que não ajuda.

3) Infelizmente, os vossos actos requerem agora uma resposta. Vou aguardar até saber a opinião de certas pessoas, não quero intensificar o problema, mas irei com toda a certeza reagir de um modo que não vos convém nos próximos dias, a não ser que até lá se estabeleça um diálogo honesto, aberto e confidencial. O que é que querem, exactamente? Há alguma coisa que eu possa fazer para pôr termo a este assunto, ou só me resta fomentar o conflito?

Atentamente,

Miguel Pereira

Caros amigos,

Gostaria de desenvolver o meu *e-mail* anterior acerca da vossa amável sugestão de venda de facas.

Um problema das facas é que tem de se localizar e aproximar do alvo. As facas podem ser muito úteis quando se quer atacar um vizinho desprevenido. Noutras situações, as facas são inúteis e podem até lesar o seu proprietário.

Já não estou sozinho e desarmado nas ruas de Saigão. Tentaram usar facas nessa altura e vejam no que deu!

É-me muito mais fácil a mim detectar a vossa presença do que vos é detectar a minha localização. Se detectar mais uma das vossas simpáticas abordagens, vou reagir. Não uso facas. Uso uma arma muito mais potente chamada informação. Garanto que não vão gostar da minha retaliação. Tenho uma enorme vantagem: não preciso de vos localizar nem mesmo identificar. Outros fá-lo-ão por mim.

Mas vejamos o que poderia acontecer se as vossas facas surtissem efeito em mim. Os meus advogados seguiriam as minhas instruções. Todos os meus trabalhos seriam publicados. O guião completo seria enviado para uma produtora. Isto originaria um filme que acredito poderia mudar radicalmente a estrutura de poder no sul do Vietname. Muitas pessoas ligadas ao poder ficariam incomodadas, e são o tipo de pessoas peritas em facas. Mesmo que conseguissem capturar-me, os meus advogados procederiam da mesma forma. As minhas instruções foram inabaláveis nesse aspecto. Ser-me-ia impossível alterá-las, a não ser que pudesse falar com eles pessoalmente.

Ás vezes pergunto a mim mesmo se não meu dever moral seguir em frente com o processo. Há muito tempo que reflicto sobre isto. Porém, cheguei à conclusão de que não vale a pena. O respeito pelos direitos humanos é uma consequência inevitável do desenvolvimento económico. Aquilo de que o Vietname precisa é progresso económico, e não agitação política. Mesmo que o vosso governo caísse, as violações aos direitos humanos continuariam. As filipinas nunca foram um país comunista e, no entanto,

o mesmo tipo de abusos teve lugar até há pouco tempo. O mesmo aconteceu com o Brasil, África, etc.… estes abusos são inevitáveis e não há nada que eu possa fazer.

Então, porque escrevi *The Tigers of Saigon*? Por duas razões. A principal razão é que queria negociar a retirada do livro pelo bem-estar dos meus amigos vietnamitas. Sentia-me directamente responsável pelo seu destino. Por isso apenas publiquei a obra sob formato electrónico e vos avisei antecipadamente. Infelizmente, nunca consegui estabelecer um diálogo convosco.

Provavelmente agora já é tarde. Acredito que as vossas facas sejam eficazes contra pessoas desarmadas, inocentes e desamparadas.

A segunda razão é querer fazer-vos perceber que tentar matar-me pode surtir consequências lamentáveis. Espero que tenham o bom-senso para o compreender.

Se estivesse no vosso lugar, rezaria todos os dias para que eu vivesse de boa saúde por muito tempo, pois, quando eu morrer, vão ser confrontados com os fantasmas do vosso passado.

Atentamente,

Resposta 2: Talvez não esteja a contactar as pessoas certas?

Assunto: Re: Conversa de negócios
Data: Sábado, 25 de Julho de 1998, 05:08:59 +0200
De: Miguel Pereira <miguel.pereira@nca.pt>
Para: Impetus Tradings <impetus@skt.comahh.net.pk>
Referências: 1

A Impetus Tradings escreveu:

>
> Estimado Senhor,
>
> Bom dia.
>
> Qual resultado de investigação criminal referente a Seus parceiros de negócios no
> Vietname?
>
> Esperamos ter boas notícias permitir continuar negociação.
>
> Atentamente,
> Impetus Tradings
>
> Obrigado e Melhores Cumprimentos: Kashif.

Não tenho tantas informações como julgam. Se tivesse não faria comentários. Penso que este assunto está resolvido, mas já não estou interessado em operações de importação-exportação.

Cumprimentos,

CARTA ABERTA ÁS AUTORIDADES VIETNAMITAS

Lisboa, 23 de Abril de 2006-06-15

Cavalheiros,

Na última carta que vos enviei deixei o aviso de que qualquer nova tentativa de captura me faria ter de reagir. As vossas recentes tentativas não passaram despercebidas. Obrigaram-me a seguir um caminho de intensificação e confronto que passei os últimos anos a tentar evitar.

Ainda não sou capaz de compreender os vossos motivos. Retirei *The Tigers of Saigon*; não publiquei *Enter the Restricted Areas*; abstive-me de qualquer envolvimento com a política do vosso país; conseguiram silenciar-me. Custa-me a perceber por que é que deixam o vosso desejo de vingança deitar isso a perder.

Na sua «Resposta a *The Tigers of Saigon*» colocada pelo Professsor Vern no Fórum Australiano-Vietnamita-1, o coronel Nguyen Than Thai perguntou-me como tinha eu descoberto com tanta exactidão os segredos das altas patentes. A verdade é que toda a gente conhece os vossos «segredos». Pergunte a qualquer rapazote ou prostituta, pergunte a qualquer habitante da «Áreas Restritas» (já agora, por que é que são «restritas»?) ou até a qualquer estrangeiro residente no Vietname, e eles contar-vos-ão estes «segredos». Se vivem na ilusão de que as vossas acções criminosas são de alguma forma «secretas», é melhor abrirem os olhos.

No entanto, o objectivo desta carta não é revelar estes «segredos». Pelo contrário, é apresentar a proposta de que os responsáveis por estas acções criminosas não devem ser presos pelas mesmas, mas sim pela sua monumental estupidez e gigantesca incompetência, que prejudica os interesses dos vossos superiores militares e políticos. Permitam-me que explique.

Os operacionais de informações de alta patente têm de recordar algumas das regras básicas da espionagem e de operações camufladas. Não vou discorrer sobre os incríveis disparates que cometeram durante a minha estadia no Vietname. Basta dizer que não conseguiram matar-me nem capturar-me (capturaram, sim, dois inocentes). Estes acontecimentos são descritos na minha obra (em anexo) Tigers of Saigon e já são do conhecimento dos destinatários desta carta. No que diz respeito às vossas últimas acções, deixem-me lembrar-vos de algumas regras que ignoraram:

Regra n.º 1 – Quando se planeia uma tentativa de captura, deve ser-se discreto.

Quando publiquei *The Tigers of Saigon*, tinha plena consciência de que me arriscava a ser capturado. Obrigar-me a retirar o livro foi a reacção mais óbvia, embora primitiva. Porém, uma vez tendo optado por este caminho, não mo deveriam ter dado a conhecer. Ainda assim, na véspera da sua partida em direcção a uma tentativa de captura falhada, o coronel Than Thai teve o bom(?)-senso de colocar no Fórum de Discussão Australiano-Vietnamita-1 o seguinte aviso:

«Mesmo assim, gostaria que alterasse o título e nomes apresentados na obra, tal como sugeri. **Gostaria de comprar um exemplar para ler no avião**». Isto foi um aviso deveras útil! Mesmo nas vossas barbas!

Regra n.º 2: Quando se finge ser um cidadão tailandês, deve-se aprender a falar tailandês.

Não falo tailandês fluentemente, mas gosta de praticar sempre que surge uma oportunidade. Por isso, quando me deparei com uma «turista tailandesa» perto do meu escritório, elogiei a sua beleza em tailandês. Infelizmente, a pobre rapariga não percebeu!

Regra n.º 3: Se se utilizar carros diplomáticos, não se deve ser visto neles.

Embora um carro diplomático possa ajudar num tentativa de captura, pode ser embaraçoso caso se seja descoberto. (Os vossos agentes foram apanhados em flagrante a utilizar um carro diplomático.)

Regra n.º 4: Quando se compra telemóveis durante uma operação, deve-se pedir um número confidencial; e deve-se aprender a usá-los correctamente.

Um dos primeiros passos que os vossos agentes deram quando chegaram a Portugal foi adquirir um telemóvel. Contudo, não pediram um número confidencial. Ao tentar memorizar o meu número, o coronel Thai ligou-me sem querer. Eu atendi e ele desligou; eu liguei de volta (como não era

confidencial, o número apareceu no visor) e ele não atendeu. Como fiquei desconfiado, confirmei na Telecel (a operadora) que o número era recente (existi apenas há dois dias) e informei o S.I.S..O telefone foi posto sob vigilância e em breve todos os vossos números foram identificados. Isto forneceu-nos um filão de informações. (Estas gravações incriminam-vos directamente e ainda vão ouvir falar delas.)

Regra n.º 4: Aprender a contar.

A maioria dos sítios na Internet tem um contador, um dispositivo simples que «conta» o número de visitantes do sítio. Na vossa segunda tentativa de captura, depois do suicídio do coronel Than Thai, serviram-se de uma empresa paquistanesa fictícia. Encomendaram uma página na Internet para esta empresa, onde descreviam os supostos produtos e serviços, para depois me enviarem um *e-mail* com uma proposta de negócio atractiva. Eu visitei a página e reparei que era o visitante n.º 2! Isto originou muita risota entre mim e os meus amigos do S.I.S., mas talvez não fosse esse o vosso objectivo.

Não comprometer os bens camuflados.

No vosso contacto com a Confinor, utilizaram um nome «legítimo» para dar aos vossos agentes um ar respeitável, deixando-os fingir que eram funcionários do «Grupo Inmobiliario». O resultado final foi terem chamado a atenção para este «Grupo Inmobiliario».

Não vou comentar os vossos últimos disparates. Basta dizer que capturar-me não é tarefa fácil. Já não estou sozinho e desarmado nas ruas de Saigão. Contrataram um dos vossos operacionais e ele chegou cá à espera de encontrar um alvo desprevenido e desprotegido. A tecnologia moderna permite controlar os movimentos de uma pessoa à distância. No entanto, parece que não o informaram de que eu estava a ser vigiado. Como poderia ele capturar-me? De que resultado é que estavam à espera?

Compreendo perfeitamente a vossa humilhação e pesar no que diz respeito a estes acontecimentos, sobretudo à morte trágica do coronel Than Thai e seus subalternos. Não há nada que se possa fazer para o trazer de volta. Os meu amigos também sofreram (incluindo uma menina de 4 anos que ficou privada de alimento), foram torturados e mortos. Onde é que isto vai parar e até quando é que a lista vai continuar a crescer até darem ouvidos à razão?

Também compreendo os vossos medos no que toca às «Áreas Restritas». Estive numa aldeia em que as raparigas foram capturadas (preferem o termo «recrutadas»?) pela polícia militar. Isto pode implicar-vos no crime de genocídio. Estas minorias existem há milhões de anos e, no entanto, a continuação de medidas como esta pode destruir a sua identidade cultural em poucas gerações. Abstive-me de publicar a obra *Restricted Areas* precisamente por saber que fariam de tudo para evitar que se soubesse a verdade, e que procurariam vingança custasse o que custasse. Não quis ser um mártir do Vietname. Mas agora não me deixam grande escolha!

O que mais está para acontecer? Este assunto vai voltar ao de cimo; as pessoas vão investigar; turistas farão cópias dos meus livros e vão levá-los para o Vietname. Serão feitas cópias vietnamitas (proibidas?) e transmitidas clandestinamente. Vai surgir um mito. Espero que seja feito um filme e espero que ele contribua para mudar radicalmente a estrutura de poder no sul do Vietname. Tudo graças à vossa insistência irracional em procurar vingança.

Dependendo da vossa reacção, posso também vir a criar um sítio na Internet dedicado à investigação de crimes cometidos no Vietname do Sul. Compilei relatos credíveis do que se passa nas «áreas restritas». Estes relatos podem ser enviados para instituições como a Human Rights Watch e a Soros Foundation. Através destes e de outros meios os vossos superiores militares e políticos seriam informados pessoalmente de que, se não investigassem as vossas acções criminosas, teriam possivelmente de enfrentar a acusação de genocídio num futuro não muito longínquo.

Por fim, adquiri um seguro de fim de vida. Se vier a falecer, alguns milhões de dólares serão utilizados para financiar «actividades culturais» e «concursos literários» cujas consequências nunca sequer chegaram a considerar. Tenho em mente um «concurso literário» com textos afectos ao tema «A minha vida» aberto a todos os habitantes do Vietname do Sul, com prémios de dez mil dólares para todos os que forem publicados. Os direitos resultariam em quinhentos mil euros e os direitos do meu livro serviriam

para financiar uma investigação criminal (sediada na Bélgica) sobre as vossas actividades de genocídio nas «Áreas Restritas».

Se estivesse no vosso lugar, engoliria o meu orgulho e poria fim às tentativas de captura ou de assassínio, pois as consequências, caso o não façam, seriam muito desagradáveis para vós.

Atentamente,

Miguel Pereira